

Boletim da Sociedade
Nº 59
Órgão Informativo da
Sociedade
Numismática Brasileira



1º Semestre - 2007

Sociedade Numismática Brasileira

Fundada em 1924

Cláudio Marcos Angelini

Presidente

Walter de Arruda Menezes

Vice-Presidente

José Alberto Borges da Cruz

Diretor Financeiro

José Serrano Neto

Diretor Administrativo

Cristiano de Lima Bierrenbach

Diretor Técnico

Alfredo O. Gustavo Gallas

Diretor de Divulgação

Gilberto Fernando Tenor

Diretor Curador

Edição: Gilberto Fernando Tenor

Editoração eletrônica e impressão: New Impress Gráfica e Editora

Tiragem: 1.000 exemplares.

Responsável: Pedro Zan - Reg. MTB nº 10.891

Colaboradores: Cláudio Umpierre Carlan, Cláudio Marcos Angelini, Idenyldo Silva, Hilton A. M. Lucio, Abrahão Gitelman, Alfredo O. G. Gallas, Fernanda Disperati Gallas, Laerte E. Ottaiano e Cláudio Schroeder.

Capas: Certificado e Barra nº 1 da Campanha Constitucionalista de 1932 que pertenceu a coleção Roberto Simonsen e atualmente integra o acervo de André Prestes. Posto de arrecadação da Campanha do Ouro, com desenho da medalha de troca por medalhas de ouro.

Página de apresentação: Imagem de Belmonte, mostrando o povo doando seus objetos de ouro para a campanha.

- • O teor das matérias publicadas neste boletim é de inteira responsabilidade de seus autores;
- As matérias enviadas para publicação neste órgão deverão ser de caráter numismático e encaminhadas em arquivo **.doc** (*Word for Windows*), sem formatação, com imagens em cópia fotográfica ou arquivo digital em alta definição;
- Para reprodução dos artigos publicados é necessária a autorização do autor e citação da fonte.



Palavras do Presidente

Amigos Numismatas,

Cordiais saudações.

É com muito orgulho e respeito que assumimos a responsabilidade de conduzir os trabalhos da Sociedade Numismática Brasileira pelo biênio 2007-2008. Diante de grandes desafios, ratificamos nosso compromisso em promover a numismática no Brasil e no exterior.

Cientes de que a Sociedade Numismática só existe em função de pessoas, é nosso desejo dar continuidade aos projetos já iniciados pela gestão anterior e prosseguir na modernização da Sede da SNB e na propagação da numismática junto às instituições de ensino em nível nacional.

Apassionados pela ciência que tem como objeto o estudo de moedas, papel-moeda e medalhas e que já encantou pessoas simples e famosas, imperadores e historiadores, gente de todas as profissões desde a primeira emissão ocorrida no séc. VII a.C.iniciamos com essa edição do Boletim da SNB a difusão de nossas ações e artigos de cunho científico de nossos associados e colaboradores.

Neste número você encontrará uma retrospectiva do IV Congresso Latino-Americano de Numismática, evento que já faz parte do calendário internacional e um dos mais importantes da América Latina; artigos muito interessantes sobre numismática clássica, oriental e germânica e um novo espaço de interação com nossos associados correspondentes.

Neste ano, que o Brasil sedia o XV Jogos Pan-americanos, a SNB programou uma mostra de moedas e medalhas alusivas a esportes da grande coleção temática do associado Dario S. Antonio Ricciardelli, exposta durante o Encontro Especial de junho.

E, para comemorar o septuagésimo quinto aniversário da Revolução Paulista de 1932, a Sociedade Numismática Brasileira, produziu Barras, Comemorativas cuja concepção artística nos remete às Barras originalmente fundidas pelo Departamento do Ouro da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Com emissão reduzidíssima, (uma única em ouro, 10 em prata e 10 em bronze prateado), as Barras de ouro e prata foram comercializadas exclusivamente no Encontro Especial de junho de 2007 e as de bronze prateado homenagearam importantes instituições e brasileiras.

Por tudo isso, queremos você ao nosso lado para continuar a fazer da Sociedade Numismática Brasileira uma referência nacional.

Boa leitura.

Cláudio Marcos Angelini
Presidente



Sumário

Palavras do Presidente	3
Posse da nova Diretoria - Biênio 2007/2008	5
Ecos do IV Congresso Latino-Americano de Numismática	10
Calendário Numismático para o ano 2007	15
V Congresso Latino-Americano de Numismática	16
Arqueologia Clássica e Numismática	18
Barras Comemorativas aos 75 anos da Revolução Paulista de 1932	28
Encontro Especial de Junho	33
As Colônias Não Européias do Império Alemão	35
Síntese sobre a Numismática Grega e Romana da Phamphylia	39
Julius Meili - A Tradução da Obra “O Meio Circulante no Brasil”	51
Breve História dos Dollars de Prata da China e do Extremo Oriente	56
Moedas Comemorativas dos Jogos Pan-Americanos - Rio 2007	63
Barras de Ouro no Meio Circulante Brasileiro	65
Coroas de Moisés - Adenda do Boletim 58	76
Raridades Numismáticas - XX Réis 1775 Coroa Alta	77
Catálogos Pioneiros da Medalhística Brasileira	78
Loja SNB e Notas Informativas	82
Anúncios	89

Posse da nova

Diretoria Biênio 2007-2008

No dia 21 de janeiro tomou posse na Sede da Sociedade Numismática Brasileira a nova equipe de técnicos que irão conduzir os trabalhos em prol dos associados da maior e mais importante sociedade numismática do Brasil.

O presidente Amato fez uma retrospectiva dos 4 anos de gestão cujos principais pontos foram: a modernização da Sede da SNB, a implantação e consolidação dos Congressos Latino-Americano de Numismática, promoção de palestras e exposições, lançamento de 8 Boletins e medalhas comemorativas alusivas aos Congressos e aos 80 anos da SNB. No encerramento, o presidente Amato apresentou uma o balanço geral da gestão e fez a passagem do cargo para o presidente eleito Cláudio Angelini entregando o histórico brasão em ouro da SNB, símbolo maior da autoridade e responsabilidade do novo dirigente.



Flagrante do discurso do Presidente Amato ao lado do presidente eleito Cláudio M. Angelini

Para registro e conhecimento público, apresentamos o currículo dos componentes da atual Diretoria:



**Cláudio Marcos
Angelini**
Presidente

Bacharel em Administração de Empresas. Sócio remido ingressou na SNB em 1980.

Vice-Presidente da SNB 2003-2006 e Diretor Técnico da SNB por 4 gestões. Membro da American Numismatic Association desde 1988. Congressista e palestrante no I Congresso Luso-Brasileiro de Numismática nas cidades do Porto e Santarém em Portugal, Presidente das Comissões Científicas nos I, II, III e IV Congresso Latino Americano de Numismática. Consultor técnico em moedas gregas, romanas, medievais. Autor do Guia Gerencial de Numismática e matérias em revistas especializadas.



**Walter de Arruda
Menezes**
Vice-Presidente

Graduado em arquitetura e design pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP/SP, 52 anos, especializado em Projetos de Restauro de Patrimônio Histórico Arquitetônico.

Foi responsável pela restauração do Teatro Municipal de São Paulo e pelo Centro Cultural do Instituto Moreira Salles no Rio de Janeiro, entre muitos outros de caráter cultural. É colecionador especializado de moedas do período clássico, Grécia, República e Império Romano. Co-editor e responsável pelo desenho gráfico dos Boletins 47, 48 e 49 da SNB e editou o Boletim 56. Membro da diretoria da SNB no período de 2003-2005. Integrrou as comissões de organização dos I, II, III e IV Congresso Latino-Americano de Numismática de 2003 a 2006. Foi responsável por diversos trabalhos gráficos na SNB, entre eles o desenho da marca comemorativa dos 80 anos, de capas das listas de leilões, dos folders e cartazes do II, III e IV CLAN. Participou, entre outros trabalhos, da concepção das obras de melhoramento da sede da SNB.



**José Aberto
Borges Cruz**

Diretor Financeiro

Engenheiro Mecânico, colecionador estudioso e especialista em medalhas e cédulas, Diretor Financeiro por 5 gestões da SNB e Membro das Comissões Executivas dos I, II, III e IV Congresso Latino-Americano de Numismática.



**José Serrano
Neto**

*Diretor
Administrativo*

Administrador de Empresas, colecionador especializado em moedas brasileiras desde 1984, associado da SNB desde 2001, da ANA e da ANP. Membro das Comissões Executivas dos 4 Congressos Latino-Americano realizou palestras e produziu importantes artigos para o Boletim da SNB. Atuante pesquisador de moedas do padrão “Thaler” e colecionador avançado da numária brasileira.



**Cristiano de Lima
Bierrenbach**

Diretor Técnico

Comerciante Profissional há 10 anos. Sócio Vitalício da ANA, FUN, e mais 8 clubes numismáticos. Diretor Técnico da SNB na gestão 2005-2006. Coordenador Executivo dos I, II, III e IV Congresso Latino-Americanos.



**Alfredo O.
Gustavo Gallas**

*Diretor de
Divulgação*

Graduado em arquitetura pela USP em 1964, ingressou no Grupo Itaú projetando cerca de 200 agências.

Participou da criação do Instituto Cultural Itaú com o programa Itaú Galerias, promovendo em 18 anos mais de 2.000 exposições de artistas emergentes. Numa segunda fase, projetou, construiu e foi diretor do museu de Itaú Numismática, apresentado com destaque no 13º Congresso Internacional de Numismática de Madrid, em setembro de 2003. Promoveu e organizou o módulo brasileiro do I Congresso Luso-Brasileiro de Numismática tendo apresentado trabalho no módulo português. Presidiu o II Congresso Luso-Brasileiro em Brasília e foi conferencista no Congresso o Outro Lado da Moeda no Museu Histórico Nacional e no III e IV Congresso Latino-Americano em São Paulo.



**Gilberto
Fernando Tenor**

Diretor Curador

Pesquisador histórico autônomo, formado em Adm. de Empresas.

Associado desde 1989. Diretor Bibliotecário e de Divulgação da SNB, de 1992 a 1998. Diretor Secretário 1999-2002. Membro da Comissão de Divulgação do IV CLAN/2006. Representante da Sociedade Numismática Brasileira na Comissão de Filatelia e Numismática do Governo do Estado de São Paulo, durante os anos de 2000 e 2004.

Atualmente exerce os seguintes cargos: Diretor Social e Divulgação da Sociedade Numismática Brasileira. Tesoureiro da Associação Paulista de Numismática. Presidente da Associação dos Amigos da Cultura de Sorocaba. Tesoureiro do Instituto Histórico e Geográfico de Avaré. Presidente do Clube Filatélico Avareense. Tesoureiro do Club Philatelico Sorocabano. Tesoureiro da

Federação das Entidades Filatélicas do Estado de São Paulo. Secretário Geral e Coordenador Nacional da Federação Brasileira de Filatelia. Conselheiro da Associação Brasileira dos Jornalistas Filatélicos. Representante no Estado de São Paulo do Clube Filatélico Maçônico do Brasil

Fabio de Souza

Assessor da Curadoria

Bacharel em Ciências da Computação. Foi Diretor Bibliotecário por 2 gestões na SNB e Diretor Consultor nos biênios 2003-2004 e 2006-2006. Foi responsável pela organização e diagramação dos últimos Boletins da SNB e autor de diversos artigos numismáticos e participou da criação das últimas séries de medalhas dos Congressos e dos 80 anos da SNB. Foi membro das Comissões Científicas dos 4 Congressos Latino-Americano de Numismática e do módulo brasileiro do II Congresso Luso-Brasileiro de Numismática.

Fernanda Disperati Gallas

Assessor de Divulgação Nacional

Engenheira civil pelo Mackenzie, pós-graduada em Planejamento e Gerenciamento de Empreendimentos pela POLI-USP e em História da Arte pela FAAP com estágio em Paris. Coordenou o Museu Herculano Pires de 2001 a 2003, sendo responsável pelos seus textos, imagens e monitorias. Gerenciou o II Leilão de Moedas Brasileiras do Itaú e participou da mesa no II Congresso Luso-Brasileiro de Numismática em Brasília, coordenando a parte financeira do Congresso. Participou do 13.º Congresso Internacional de Numismática em Madrid, do Congresso “O Outro Lado da Moeda” no Museu Histórico Nacional no Rio de Janeiro e dos Congressos Latino-Americano em São Paulo.

Hilton Aparecido Magri Lucio

Assessor de Divulgação Internacional

Geólogo, trabalhando atualmente na área de consultoria ambiental. Ao longo dos últimos anos, vem desenvolvendo trabalhos de consultoria na América Latina, estados Unidos e Turquia. Numismata desde os dez anos de idade, coleciona moedas brasileiras e clássicas. É associado da SNB desde 1995 e Membro da ANA desde 1999.

Ecos do IV Congresso Latino-Americano de Numismática

No período de 30 de Novembro a 03 de Dezembro de 2006, São Paulo sediou a 4ª edição do Congresso Latino-Americano de Numismática. Dessa vez, utilizando as instalações do Centro de Convenções do Novotel Jaraguá, a Sociedade Numismática Brasileira apresentou uma vasta programação cultural e disponibilizou espaço para comerciantes nacionais e estrangeiros, onde os associados puderam adquirir moedas, cédulas e medalhas de altíssima qualidade.

Na abertura do evento, o presidente Amato ressaltou a importância da continuidade desses encontros e fez o lançamento oficial da medalha comemorativa alusiva ao Congresso.



Abertura Oficial do IV Congresso Latino-Americano de Numismática. Da esquerda para Direita: Wanderley Costa, Paulo Amauri, Walter Menezes, Marcelo Germinário, Cristiano Bierrenbach, Gilberto Tenor, Cláudio Amato, Cláudio Angelini, José Borges e Fábio de Souza.

Na abertura do evento, o presidente Amato ressaltou a importância da continuidade desses encontros e fez o lançamento oficial da medalha comemorativa alusiva ao Congresso, que nessa edição ilustrou o carimbo de Mato Grosso aplicado numa moeda de 8 reales de Potosi, Carlos III de 1808.

As medalhas foram cunhadas nas seguintes quantidades:

Ouro: apenas 02 exemplares;

Prata: 50 exemplares;

Bronze: 50 exemplares e

Cobre: 50 exemplares



Medalha comemorativa do IV CLAN cunhada em ouro, prata, bronze e cobre

Na ocasião o Vice-Presidente Cláudio Angelini apresentou o associado homenageado – o ex-Diretor e autor de catálogos de cédulas e moedas brasileiras José Vinicius do Amaral, que desde 1970 colabora com a SNB na promoção da numismática brasileira. De forma muito simpática, o companheiro Vinicius agradeceu a homenagem com palavras bastante emocionadas.



Flagrante da homenagem ao companheiro José Vinicius do Amaral

Na seqüência, iniciaram-se as atividades, com a abertura oficial da sala de comercialização, das exposições temáticas e das palestras conforme quadro abaixo:

Alfredo Gallas & Fernanda Disperatti Gallas	A tradução do livro de Julius Meili
Cel Amaro Garcia/Portugal	Santo Antonio e sua representação na iconografia, numismática, medalhística e filatelia
Cláudio Schroeder	Barras de Ouro no meio circulante brasileiro
Hilton Magri Lúcio	Representação de Athena nas moedas de Side/Pamphylia
Rejane Maria Lobo & Gregory Martins de Melo	Transformações do dinheiro no séc. XVIII
Gustavo Pigurina/Uruguai	Influencias de la numismática luso-brasileira em la del Uruguay
Cláudio Umpierre Carlan	Arqueologia Clássica e Numismática
Maria Beatriz B. Florenzano	A moeda na construção da identidade grega
Marici Magalhães	As moedas de Neapolis na coleção de MHN



Profª Maria Beatriz Borba Florenzano da USP



Profª Marici Magalhães da FAPERJ



Flagrante da palestra do associado Hilton Magri Lúcio

Durante o encontro, foram registradas mais de 500 pessoas entre associados e visitantes que participaram efetivamente das oficinas, exposições, sala de comercialização e da venda sob oferta.



Gregory M. de Melo e Profª Rejane Maria Lobo do MHN



Vista Geral da Sala de comercialização



Encontro de presidentes. Da esquerda para Direita: sentados - Francisco José Coutinho Paes, Cleber José Coimbra, Cláudio Amato, Ary de Arruda Luna, Cláudio M. Angelini e Manoel Ferreira; em pé – Cristiano Bierrenbach, Marcos Aurélio Lepca, Adelanio Ruppenthal e Edison Correa

No dia 03, ocorreu a reunião entre os Presidentes das Associações Numismáticas do Brasil, aonde reafirmaram o compromisso de promover eventos conforme calendário divulgado neste boletim.

Comissões do IV Congresso Latino-Americano de Numismática:

Comissão Executiva:

Presidente Cristiano de Lima Bierrenbach
Marcelo Germinário
Wanderley Costa

Comissão Científica:

Presidente: Cláudio Marcos Angelini
Fábio de Souza
Cláudio Schroeder
Profª Maria Beatriz Borba Florenzano
Profª Rejane Maria Lobo Vieira

Comissão do Leilão Especial

Presidente: Cláudio Patrick Amato
José Alberto Borges da Cruz
José Serrano Neto

Comissão de Divulgação

Presidente: Gilberto Fernando Tenor
Walter Arruda de Menezes



V Congresso *Latino-Americano de Numismática*



Comunicamos a realização do V Congresso Latino-Americano de Numismática no período de 29 de novembro a 02 de dezembro de 2007.

Como nos moldes das edições anteriores, está previsto espaço para comerciantes nacionais e estrangeiros, palestras e exposições; lançamento de medalha comemorativa, selo personalizado e venda sob oferta para associados.

Está confirmada a realização de 8 palestras com temas livres. A grade de palestras será definida pela Comissão Científica que julgará os trabalhos recebidos conforme as normas abaixo:

1 - Os resumos dos trabalhos a serem apresentados, no decorrer do V CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE NUMISMÁTICA deverão ser encaminhados até 30 de setembro de 2007, via e-mail: snb@snb.org.br ou correio (considerada a data de postagem) endereçando-os à: Comissão Científica do V CLAN - Sociedade Numismática Brasileira, Rua 24 de Maio, 247 2º andar – São Paulo, SP-CEP:01041-001

2 - Os resumos impressos em 3 (três) vias deverão ser redigidos em português ou em espanhol; deve-se encaminhar com o arrolamento de nome(s) do(s) autor(es).

O texto deve estar disposto em quadrilátero de 15cm (largura) por 18cm (altura). Na primeira linha o título do trabalho deve ser todo em letras maiúsculas (fonte arial, tamanho 10) e em negrito, seguindo-se o nome dos autores, iniciando-se pelo sobrenome (por extenso), nome (abreviado) e instituição de origem (se for o caso). O responsável pela apresentação do trabalho deve ter seu nome sublinhado. O texto deverá contemplar em seu bojo brevíssima introdução, objetivos, metodologia, resultados e conclusões. Não citar ou destacar esses itens no texto. Podem ser

incluídos tabelas, quadros, gráficos, imagens ou referências bibliográficas. Não serão aceitos resumos incompletos, com promessas de “ser concluído” ou aqueles com menção de “os resultados serão discutidos”. Os resumos não devem ter sido previamente publicados. Em caso de envio via e-mail, deve-se enviar arquivo 1 (um) em WORD FOR WINDOWS 6.0 ou 7.0 por trabalho, contendo identificação do mesmo, em caso de correio deve-se enviar 1(um) disquete 3 ½ (1.44 Mb) por trabalho, contendo identificação do mesmo.

Obs.: Os trabalhos selecionados deverão ser apresentados sob forma de exposição oral, com duração de no máximo 40 (quarenta) minutos, havendo outros 10 (dez) para perguntas e respostas.

É imprescindível a apresentação de qualificação profissional (currículo) do autor ou coordenador do trabalho.

3 - Uma vez aprovado o trabalho pela Comissão Científica, o(s) autor(es) será(ão) comunicado(s) sobre: data, horário e sessão de apresentação do(s) trabalho(s) durante o V Congresso Latino-Americano de Numismática promovido pela SNB.

4 - As decisões da Comissão Científica são irrecorríveis. Entende-se que o envio do resumo à Comissão Científica envolve a aceitação da presente normatização.

5 - Os casos omissos serão decididos pela Comissão Científica.

OBSERVAÇÕES:

Serão outorgados certificados constando nome do trabalho e autoria ao autor-apresentador do trabalho.

Todos os trabalhos serão analisados pela Comissão Científica que julgará por critérios pré-definidos a publicação ou não no Boletim da Sociedade Numismática Brasileira a ser publicado no ano de 2008.

A denegação do trabalho será embasada em manifestação de relatores, nomeados pela Comissão Científica de evento, cujos nomes serão mantidos sob absoluto sigilo até a implantação do evento.

Não serão a qualquer tempo propiciadas informações ou motivos que levaram à denegação.

Introdução

Esse texto visa analisar as amoedações romanas do século IV. e sua relação com a sociedade do período. Tanto sobre o ponto de vista material como pagamento das tropas e abastecimento do Império, como também do caráter simbólico: as representações dos governantes e de sua política administrativa. Para isso, além das fontes numismáticas, analisaremos as evidências textuais e arqueológicas relativas a esse período. Por razões de espaço, trabalharemos apenas com algumas moedas cunhadas durante a tetrarquia (285-305)¹, pois o total dessa peças ultrapassa a 300 exemplares.

As fontes aqui utilizadas para o trabalho fazem parte do acervo existente no Museu Histórico Nacional / RJ. Possuindo o maior espólio de moedas da América Latina, com mais de 130 mil peças das mais variadas regiões. Desse todo, 1888 peças foram cunhadas durante o século IV, que representam todos aqueles, imperadores, usurpadores e imperatrizes, que circulavam pela orla do poder.

A presença da moeda além de oferecer um bem estar econômico, mostra também os seus aspectos icônicos. Analisando os aversos e reversos monetários como imagens fabricadas, elas imitam aquilo a que se referem. Qualquer signo, mesmo o iconográfico gravado segundo processos físicos ou naturais é construído segundo regras determinadas que implicam convenções sociais. Ela circula de fato nos três níveis, sendo simultaneamente ícone, índice e símbolo convencional. Os povos que habitavam o vasto império romano tinham conhecimento de que o busto representado naquela diminuta peça de bronze, prata ou ouro era do seu governante.

¹ Esse texto foi apresentado originalmente no IV Congresso Latino Americano de Numismática, realizado pela Sociedade Numismática Brasileira, em São Paulo, de 30 de novembro a 3 de dezembro de 2006.. Trata-se de uma apresentação do livro, de mesmo nome, que será lançado em fevereiro de 2007, pela UNICAMP.

A moeda tem sido estudada como simples troca financeira, uma mercadoria a mais no vasto mundo do comércio. O estudioso tem se preocupado mais com o corpo econômico e social que ela servia, do que pelo metal que produzia e informava².

O homem contemporâneo dificilmente pode ligar a moeda a um meio de comunicação entre povos distantes. Ao possuidor romano de uma determinada espécie monetária estranha, esta falava-lhe pelo metal nobre ou não em que era cunhada, pelo tipo e pela legenda. O primeiro informava-o a riqueza de um reino e os outros dois elementos diziam-lhes algo sobre a arte, ou seja, o maior ou menor aperfeiçoamento técnico usado no fabrico do numerário circulante, sobre o poder emissor e, sobretudo, sobre a ideologia político-religiosa que lhe dava o corpo. É dentro deste último aspecto que pretendemos explorar a fonte numismática.

Cometemos o mais profundo anacronismo ao comparar uma sociedade capitalista, como a nossa, com padrões econômicos próprios, com uma sociedade de 1000 ou 2000 anos atrás. Numa sociedade onde não existiam meios de comunicações como os de agora, grande parte da população não dominava os idiomas eruditos³, a imagem, a iconografia tinha um papel fundamental. Pois, segundo Corvisier⁴, definições modernas e simples voltadas apenas para o valor de compra não serve para a Antigüidade. Para isso precisamos saber a função da moeda no período para defini-la⁵.

É nesse contexto que o presente trabalho está incluído. Através de uma análise da iconografia, procuramos identificar cada símbolo existente nas imagens dos aversos e reversos monetários. Tais representações serviam como uma espécie de propaganda política, social, econômica, religiosa, com uma forte carga ideológica, que tinha como principal objetivo legitimar o poder dos governantes perante os súditos.

I - Crise e Revoltas no Século III

Após a morte de Alexandre Severo (222-235), Roma cai num período de anarquia política que irá durar aproximadamente 50 anos. Os imperadores iam se sucedendo uns aos outros, sendo saudados pelas tropas ao amanhecer, para serem assassinados ao entardecer. Com expediente para sair das dificuldades financeiras cunhavam-se moedas tão alteradas que o público se recusava a aceitá-las.

Durante boa parte do século III, principalmente durante o governo de Aureliano (270-275), há uma tentativa de restabelecer as finanças e o equilíbrio econômico. As oficinas de cunhagem, para facilitar a circulação das moedas, são multiplicadas, mas, pouco tempo depois, elas são fechadas, por ordem do próprio imperador. Explode uma nova onda de revoltas. Para regularizar a situação só é admitida a moeda emitida pelo Estado, suprimindo o direito do Senado de fiscalizar esta produção. A alta dos preços eleva-se a 1000 %. Uma sublevação explodiu em Roma no ano 273, onde os trabalhadores da Casa da Moeda, *monetarii*, apoiados pelas camadas inferiores da população, mataram cerca de 7.000 soldados das forças de repressão. O Império Romano se tinha reduzido territorialmente; achava-se empobrecido. Eram necessárias mudanças. As reformas políticas, econômicas que dariam novo ânimo ao corpo moribundo.

II – Tetrarquia e a Restauração da Ordem

O processo de transformação inicia-se no governo de Galieno (253-268). Este começa a reorganizar o exército, escolhe para sua guarda pessoal a elite dos oficiais, juntamente com um grande grupo de cavalaria; na administração os senadores perdem o comando das legiões. A obra de restauração prossegue com seus sucessores, aqueles que conseguem se manter algum tempo no poder: Aureliano (270-275) e Probo (276-282). Estas reformas embrionárias preparam o caminho para as de Diocleciano (284-305).

Após o assassinato de Numeriano (283-284), *Caius Aurelius Valerius Diocles Diocletianus*, nascido perto de Salona (hoje Split ou Spalato, cidade e porto da Croácia) foi proclamado imperador pelos seus soldados. Apesar de possuir um nome ilustre, Valério, ele não descendia da aristocrática família romana do mesmo nome. Portanto não era um patrício. Seu pai era um liberto (ex-escravo) da Dalmácia (litoral da Croácia). Para evitar um fim igual a dos seus antecessores, tratou de apoiar-se em elementos de sua confiança, e do mesmo mundo social. Exemplo disto são os membros da futura *tetrarquia*, Galério (305-311), seu adjunto, guardara gado nos Cárpatos; Maximiano (285/286-305), antigo colega de armas. Eles e seus sucessores escolheram auxiliares de passado idêntico.

No ano de 286, inicia-se uma série de reformas que, por algum tempo restauram a ordem. Inicialmente é instalada uma *diarquia* ao lado de Maximiano. Começam a surgir questões onde aparecem os excessos de arbitrariedade por parte de Diocleciano: a reformulação da *annona* (imposto sobre a produção agrícola anual); fortalecimento das classes dos *curiales*; e fixar os agricultores, colonos ou arrendatários sobre as terras que cultivassem, proibindo-lhes abandoná-las. Os trabalhadores urbanos deveriam permanecer em suas profissões, transmitindo-as a seus descendentes. Instituiu assim, um sistema de classes, até então desconhecido em Roma, com o objetivo de manter imobilizada a estrutura econômica do Império.

O sistema de diarquia é ampliado para *tetrarquia*, com participações recíprocas de Galério e Constâncio Cloro como *Césares*. Ambos ligados por grau de parentesco, através do matrimônio com as filhas dos respectivos Augustos (Galério casa-se com Valéria, filha de Diocleciano, e Constâncio Cloro com Teodora, filha de Maximiano).

A função destes Césares não é apenas administrativa, mas também fortalecer o seu “Augustus”. Um deveria ajudar ao outro em caso de perigo imediato: o Augusto e o César Oriental viriam em socorro do colega ocidental. O voto de amizade entre eles foi representado no monumento aos tetrarcas em Veneza, onde os quatro aparecem abraçados.

Aliado a esses fatos, ocorre uma inversão do eixo político. Roma passou para um segundo plano após a oficialização das novas capitais: Aquileia e Tréveres, no ocidente, Sírmio e Nicomédia, no oriente.

Numa tentativa de restabelecer o poder da economia romana, Diocleciano realiza, ou pelo menos tenta fazê-lo, uma reforma econômico-administrativa. Além de emitir moedas de ouro e prata, coloca em circulação peças divisionárias de bronze, com tenuíssimo invólucro de prata, vulgarmente “banho de prata”, que serviam para as operações quotidianas, conhecidas como *follis*.

Esta moeda, de tamanho e peso inferior ao *dupondius*, instituída entre os anos de 295-8, segundo Ewald Junge⁶, apresenta em seu reverso, a imagem de Júpiter nu, com o *paragonium* e uma cornucópia simbolizando que a riqueza e abundância estavam de volta ao império. As peças cunhadas no oriente vêm acompanhadas

de uma estrela em seu campo. Das 145 moedas de Diocleciano e 107 de Maximiano, pertencentes ao acervo do Museu Histórico Nacional, 15 peças ainda trazem esta característica, principalmente a conservação do invólucro de prata. Dando um destaque artístico muito importante.

Em 301, os tetrarcas tentaram através de um édito, *Editum Diocletiani et Collegarum de pretiis rerum venalium*, ou Edito Máximo de Preços, restabelecer a economia do Império, fixando os preços máximos para os produtos de consumo. Conhecido na nossa sociedade “pós-moderna” como congelamento de preços e salários. Ainda muito em voga pela nossa tradicional classe política. Como hoje, não forneceu resultados favoráveis, estimulando o contrabando e a corrupção.

Também neste período as casas de cunhagem são ampliadas, a fim de satisfazer as obrigações da tetrarquia e as necessidades do comércio: obras públicas e aumento do efetivo militar e civil. Para isso, novas peças começam a circular com letras, na parte inferior do *reverso* da moeda, linha de terra também conhecida por *exergo*. Quando visível, podemos identificar o nome (espécie de sigla) do local da cunhagem. Como por exemplo: PÊT (Ticinum); ARLQ, PCON, PAR, SCON (Arles); AQ, AQP* (Aquiléia); MRH, SMHA (Heráclea); VRB.ROM, VRB.ROM.Q, R*T, RWT, RT (Roma); ASI, ASSIS, BSISZ (Siscia), SMANAI, SMANB (Antioquia); ALE, ALEA, SMALE (Alexandria), SMKR, SMAKA, SMKG (Cízico) entre outras (CARLAN: 2000, 30).

Tais valores estão bem explícitos nas cunhagens do período. Nos *dupondii*, moeda de bronze de diâmetro superior a 2,5 mm, pesando mais de 8 g, identificamos no reverso a representação de Júpiter seminu com os ombros cobertos, nas peças de Diocleciano, ou Hércules com a pele do leão nas de Maximiano, entregando para o imperador o globo, encimado pela Vitória com uma coroa de louros pronto para coroá-lo. Como se as divindades protetoras de Roma estivessem abençoando os novos governantes. Tanto manto consular, cetro de marfim, *mappa*, *curul*, que representam o cônsul; quanto a couraça, a lança, o cavalo, o elmo - que representam o general - fazem parte das imagens dos reversos e anversos monetários⁷, frtalecendo assim a legitimação do poder imperial.

Teoricamente, o império continuava a ser uno, tratava-se de uma associação e de um sistema colegial, não de uma divisão

territorial, embora cada Augusto, auxiliado ou não por um César, ou por outro Augusto menos prestigioso, fosse encarregado da administração e da defesa de uma parte. O próprio Diocleciano era considerado como um *Ivono*, filho de Júpiter, enquanto que o outro tetrarca, Maximiano, era um *Hercvleo*, ou filho de Hércules⁹.

As cunhagens do período vêm exemplificando estas diferenças. Nas legendas das moedas de Diocleciano vêm inserido *IOVI AVGG* OU *IOVI CONSERVAT AVGG*, enquanto que nas de Maximiano *HERCULI PACIFER*. Apesar do sistema de tetrarquia ter sido criado para estabelecer uma igualdade, estas amoedações comprovam que existia uma hierarquização interna, pelo qual um governante possui um grau maior de importância que o seu “co-irmão”. Pois um novo Augusto só era admitido oficialmente no colégio depois da aprovação de seu ou dos seus colegas.

Durante o governo do *Hercvleo* Maximiano, irá ser cunhada uma moeda com um novo *signo*. Esta peça é chamada de votiva ou laudatória, pois no campo do reverso vem a seguinte inscrição: VOT XX, acompanhada da letra H (Heráclea) ou KK (Cartago). O seu significado seria *votamos por vinte anos*, justamente a duração da tetrarquia. Após a renúncia dos *augustos*, Maximiano irá utilizar um outro *signo* VOT XX MVLTT XXX, que significa, *votamos por vinte anos, depois por mais trinta anos*. Na legenda, uma coroa de louros cerca o voto. Estes votos expressavam uma espécie de confiança, de fidelidade do povo ao seu governante. Posteriormente, outros imperadores, Constantino, Constante, Constâncio II, Juliano, Joviano, Valentiniano I, cunharam moedas com a mesma legenda ou derivadas, como VOT XXX MVLTTIS XXXX ou VOT XX SIC XXX.

O que realmente Diocleciano queria era reconstruir, a qualquer preço, a grandeza romana, em vias de extinção. Mesmo que para isto provocasse a ruína da maioria dos cidadãos. Empenhando-se ao máximo para restaurar os sacrifícios aos deuses, impondo o culto a divindade do Imperador aos seus súditos. Segundo Funari¹⁰, a flexibilidade religiosa dos romanos, o respeito a outras religiões e a facilidade de incorpora-las foi um fator importante em sua capacidade de dominar povos tão variados e uma área geográfica tão grande.

Descrição das Moedas¹¹

1 - Denominação: Dupôndio

Ano / Local: cunhada entre os anos de 304-305, em Alexandria.

Anverso: IMP C DIOCLETIANVS PF AVG

Reverso: IOVICO – N S CAES / ALE

Descrição:

Anverso: busto só, ou nu, de Diocleciano, diademado à direita, com barba, mal recortado no 1º e 4º quadrante; na legenda o nome e título imperial (IMP AVG). No reverso a divindade, Júpiter, em pé, nu, lábaro à esquerda, com o globo, símbolo do poder e da perfeição, na mão direita. Sobre o globo uma *vitória*, com uma coroa de louros, prestes a coroar a divindade. Durante boa parte do período da Tetrarquia, Diocleciano foi assemelhado a um *iuno*, filho de Júpiter. Enquanto seu amigo e colega, Maximiano, era um *hercúleo*, filho de Hércules. Como se as divindades protetoras do panteon romano protegesse e legitimasse o novo governo. Identificamos ainda a letra S, comum nas cunhagens da Tetrarquia, e o exergo referente a cidade de Alexandria (ALE). Na imagem da divindade existe uma camada de azinhavre, por causa da corrosão.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada (MBC), de diâmetro de 2,76 mm; peso de 9,56 g; alto reverso ou eixo 12 horas.

Existem 3 variantes desta peça na coleção, cunhadas em casas monetárias diferentes.

2 – Denominação: Follis

Ano / Local: cunhada entre os anos de 303 – 305, em Trêves.

Anverso: IMP DIOCLETIANVS AVG

Reverso: GENIO POPVLI ROMANI S F / PTR

Descrição:

No anverso, busto diademado, encouraçado, à direita do Imperador. Retratado com barba, alterações na legenda. Reverso notamos a presença do *genius*, divindade tutelar romana, tendo o *modius* na cabeça, uma *pátira* nas mãos, juntamente com a cornucópia, símbolo da abundância. Ao lado da divindade, as letras S F, ajudam a identificar tanto Diocleciano, quanto a casa responsável pela cunhagem. Exergo PTR, referente a Trêves.

O *genius* é uma divindade geradora, que preside o nascimento de alguém (ou de uma nova ordem). Também pode ser associado à tutela de uma pessoa, lugar, coisa, a glória, a beleza; ao mérito ou valor de um autor.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação Muito bem conservada (MBC), de diâmetro de 2,02 mm; peso de 9,78 g; alto reverso ou eixo 6 horas.

3 - Denominação: Aes¹²

Ano / Local: cunhada entre os anos de 297 – 298, na cidade de Alexandria

Anverso: IMP C C VAL DIOCLETIANVS PF AVG

Reverso: CONCORDIA MILITVM A / ALE

Descrição:

Busto à direita, com uma coroa radiada, encouraçado. Nessa variante aparecem as iniciais do nome completo de Diocleciano. No

reverso, Imperador de pé, voltado para direita, com uniforme militar, tendo na mão esquerda um *paragonium*, recebendo um globo, encimado pela *vitória*, das mãos de Júpiter nu. À esquerda da divindade um cetro. Entre Diocleciano e Júpiter a letra A. Exergo de Alexandria.

A *concordia*, era uma divindade feminina, protetora da vida social e moral em Roma.

Observações

Peça de bronze, estado de conservação Muito Bem Conservado (MBC), diâmetro de 1,98 mm; peso de 9,80 g; alto reverso ou eixo 10 horas.

Conclusão

Qualquer sistema de símbolos é uma invenção do homem. Os sistemas simbólicos que chamamos de linguagens são invenções ou refinamentos do que foram, em outros tempos, percepções do objeto dentro de uma mentalidade despojada de imagens, tornando a linguagem visual universal. Dondis ainda acrescenta que o meio de comunicação visual vem impregnado de informação de significado universal, o símbolo não existe apenas na linguagem. Seu uso é muito mais abrangente. O símbolo deve ser simples e referir-se a um grupo, idéia, atividade comercial, instituição ou partido político¹².

Essa simbologia encontrada na numismática era uma exposição de idéias, uma composição de emblemas, como o barrete frígio que tem o significado de liberdade, a cornucópia que remete à abundância, e a concórdia representa a união dos esforços. Em alguns casos também são representadas por mãos estreitadas. Outras coberturas, como o véu, que pode indicar modéstia ou viuvez, barretes e elmos, indicando campanhas militares, a ornamentação com a coroa de louros (laureadas), que tendem a assimilar aqueles que as levam à divindade, também são comuns nas representações monetárias.

A impressão iconográfica das moedas, deixando-se de lado as inscrições, revela figuras diversas: animais, vegetais, brasões, objetos, edifícios e emblemas mais ou menos estilizados. Geralmente, estas figuras referem-se ao local de cunhagem e à respectiva autoridade, designada de um modo claro para os seus

contemporâneos por uma figura, uma atitude, ou atributos cujos significados hoje muitas vezes nos escapam.

Agradecimentos

Agradecemos a Sociedade Numismática Brasileira, em particular aos amigos Cláudio Angelini e Cláudio Amato, a oportunidade de trocarmos idéias, e a Pedro Paulo Abreu Funari, Ciro Flamarion Santana Cardoso, Maria Beatriz Borba Florenzano, Vera Lúcia Tostes, Rejane Maria Vieira, Eliane Rose Nery, Edinéa da Silva Carlan. Mencionamos, ainda, o apoio institucional do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE/Unicamp) e da CAPES. A responsabilidade pelas idéias restringe-se ao autor.

¹ Doutorando / UNICAMP, pesquisador associado do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE/ UNICAMP), membro do conselho consultivo da www.historiaehistoria.com.br, bolsista da CAPES.

Orientador: prof.dr. Pedro Paulo Abreu funari

² Todas as datas aqui citadas correspondem ao período depois de Cristo (d.C.)

³ CARLAN, Cláudio Umpierre. Las monedas de Constancio II em el acervo Del Museo Histórico Nacional de Río de Janeiro: características. In: ALFARO, Carmen. MARCOS, Carmen. PALOMA, Otero. *Actas Del XIII Congreso Internacional de Numismática*. Madrid: Ministério de Cultura, 2005.

⁴ FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. *A Vida Quotidiana na Roma Antiga*. São Paulo: Annablume, 2003, p. 101.

⁵ CORVISIER, Jean Nicolas. *Sources et Méthodes en Histoire Ancienne*. pr. editons. Paris: Presses Universitaires de France, 1997, p. 154.

⁶ A prof. dra Maria Beatriz B. Florenzano durante o “Seminário Internacional: O Outro Lado da Moeda”, defendeu esta idéia. Qual o objetivo de um soberano em cunhar moedas com menos de 2 mm de diâmetro (menor que as nossas de 1 centavo) com uma riqueza simbólica e iconográfica de grande expressão como nos *folles* e *dupondius* dos tetrarcas? Evidências disponíveis sugerem não ser provável a realização de todo este trabalho de precisão visando apenas uma simples troca econômica consumidor/produtor.

⁷ JUNGE, Ewald. *The Seaby Coin Encyclopaedia*. Second Impression with revisions. London: British Library, 1994, p. 107.

⁸ DEPEYROT, G. *Economie et Numismatique (284-491)*. Paris: Errance, 1987, p. 84.

⁹ RÉMONDON, Roger. *La Crisis del Imperio Romano*. De Marco Aurelio a Anastasio. Segunda Edición. Barcelona: Editorial Labor, 1973, p. 110.

¹⁰ FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. *Grécia e Roma*. Vida pública e vida privada. Cultura, pensamento e mitologia. Amor e sexualidade. São Paulo: Contexto, 2002, p. 114.

¹¹ Utilizamos para a datação das moedas o catálogo THE ROMAN IMPERIAL COINAGE. Edited by Harold Mattingly, C.H.V. Sutherland, R.A.G. Carson. V. VI, VII, VIII. London : Spink and Sons Ltda, 1983.

¹² O *aes*, bronze, teria sido a primeira forma de moeda em Roma para servir às trocas, compras ou vendas (*aes grave* ou bronze a peso). Utilizada principalmente para o pagamento das tropas.

¹³ DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 115.

Barras Comemorativas aos 75 anos da Revolução Paulista de 1932

No dia 16 de Junho, antecipando-se às comemorações alusivas aos 75 anos da Revolução Paulista de 1932, a Sociedade Numismática Brasileira prestou uma singela homenagem aos brasileiros que honrosamente morreram por um ideal de justiça e igualdade no país, ao lançar Barras em ouro e prata comemorativas, cuja concepção artística nos remete, às Barras originalmente fundidas pelo Departamento do Ouro da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Com emissão reduzidíssima (uma única em ouro, 10 em prata e 10 em cobre prateado), as Barras Comemorativas de ouro e prata foram comercializadas exclusivamente no Leilão Especial e as de cobre prateado serão ofertadas a entidades representativas homenageadas pela SNB, conforme relação abaixo. Todas as Barras são numeradas e acompanhadas de um Certificado emitido pela SNB.



Barra em Ouro

Dimensões: 90mm de comprimento x 20mm x 5 mm espessura

Peso: 125 gramas

Metal: Ouro 0,916

Descritivo: FUNDIDO PELA SOCIEDADE NUMISMÁTICA BRASILEIRA PARA COMEMORAR O SEPTUAGÉSIMO QUINTO ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO PAULISTA ENTRE A LOGOMARCA DA CAMPANHA DO OURO (SOLDADO COM CAPACETE E SIGLA C.O. 1932) E A LOGOMARCA DA SNB, SEGUIDOS DAS RESPECTIVAS DATAS 1932-2007

Gravador: Aristides de Sá Vieira

Fundição: Prataria Consentino

Concepção artística: Cláudio M. Angelini

Tiragem: Única

Barra em Prata

Dimensões: 90mm de comprimento x 20mm x 5 mm espessura

Peso: 100 gramas

Metal: Prata 0.999

Descritivo: FUNDIDO PELA SOCIEDADE NUMISMÁTICA BRASILEIRA PARA COMEMORAR O SEPTUAGÉSIMO QUINTO ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO PAULISTA ENTRE A LOGOMARCA DA CAMPANHA DO OURO (SOLDADO COM CAPACETE E SIGLA C.O. 1932) E A LOGOMARCA DA SNB, SEGUIDOS DAS RESPECTIVAS DATAS 1932-2007

Gravador: Aristides de Sá Vieira

Fundição: Prataria Consentino

Concepção artística: Cláudio M. Angelini

Tiragem: 10

Barra em Cobre Prateado

Dimensões: 90mm de comprimento x 20mm x 5 mm espessura

Peso: 95 gramas

Metal: Cobre prateado

Descritivo: FUNDIDO PELA SOCIEDADE NUMISMÁTICA BRASILEIRA PARA COMEMORAR O SEPTUAGÉSIMO QUINTO ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO PAULISTA ENTRE A LOGOMARCA DA CAMPANHA DO OURO (SOLDADO COM CAPACETE E SIGLA C.O. 1932) E A LOGOMARCA DA SNB, SEGUIDOS DAS RESPECTIVAS DATAS 1932-2007

Gravador: Aristides de Sá Vieira

Fundição: Prataria Consentino

Concepção artística: Cláudio M. Angelini

Tiragem: 10

Entidades homenageadas

- | | |
|---|---|
| 1. Ministério da Cultura | 6. Sociedade Veteranos de 1932-
MMDC |
| 2. Banco Central do Brasil | 7. Museu Histórico Nacional |
| 3. Museu Paulista-USP | 8. Instituto Histórico e Geográfico de
São Paulo |
| 4. Governo do Estado de São Paulo | 9. Empresa Brasileira de Correios e
Telégrafos |
| 5. Secretaria da Cultura do Município de
São Paulo | |

A Campanha do Ouro

Extraído do artigo publicado originalmente na Revista Numismática da SNB de nº IX e XX de 1951, registra-se que em 8 de agosto de 1932 foi criada pelos dirigentes da revolução, a Campanha do Ouro, baseada na famosa campanha idealizada pelo povo alemão durante a 1ª Guerra Mundial, no sentido de iniciar um movimento popular, para angariar donativos em ouro, destinados a amparar o movimento constitucionalista.

Um dos objetivos principais da Campanha era a obtenção de ouro, mas espontaneamente o povo de São Paulo doou tudo que representava valor, desde propriedades, objetos de arte, títulos e dinheiro em espécie, etc.; que foram substituídos por alianças, de prata, com a inscrição: DEI OURO PARA O BEM DE SÃO PAULO-1932.

Entretanto, todo esse esforço estava fadado a ser em vão, inutilmente dezenas de milhares de filhos paulistas derramaram o seu sangue e perderam sua vida nos campos de batalha.

Vendo a revolução perdida, e que as sobras da coleta da CAMPANHA DO OURO iriam forçosamente cair nas mãos das forças legalistas vitoriosas, os administradores desse formidável patrimônio, tiveram a feliz lembrança de fazer a doação do mesmo à Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, com instruções de ser feita posteriormente a distribuição, do que fosse apurado entre as instituições congêneres do interior do Estado de São Paulo, na proporção dos donativos recebidos de cada região.

A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo nomeou uma comissão para arrolar os bens recebidos, fazer o respectivo balanço e promover a sua venda, convertendo tudo em moeda corrente para fazer a distribuição. Relatou-se que além do ouro já usado na revolução, ainda sobraram 282,555 kg de ouro e 547,003 kg de prata, que em seguida procedeu-se a fundição em lingotes.

O ouro se fundiu em 283 lingotes, dos quais 125 de Ouro de lei, com peso total líquido de 192,215 kg (houve uma “quebra” na fundição de 1,5548 kg), e mais 16 BARRAS COMEMORATIVAS, fundidas exclusivamente do ouro de alianças.

A prata se fundiu em 512 lingotes de título de 700 milésimos, com peso aproximado de 1 kg cada, 22 lingotes de título 900 milésimos, com peso total de 22,2343 kg e mais 104 BARRAS COMEMORATIVAS, pesando em média 100 g cada, fundidas exclusivamente com prata de moedas nacionais.

A fundição dos lingotes foi feita pela própria comissão, por 2 técnicos contratados em “gabinete reservado”, enquanto que as barras comemorativas foram feitas pelas firmas C.NATALE ou F. Montini (sem comprovação definida).

Na mesma Revista Numismática foi publicada a relação completa e detalhada das pessoas e instituições que adquiriram as barras produzidas:

Metal	Série	Nº	Peso	Destino
Ouro	1ª	01 a 12	122,10 g	Vendidas a Particulares
Ouro	2ª	01	157,0 g	Doadas ao Museu Paulista
Ouro	2ª	02	153,5 g	Doadas à Cúria Metropolitana
Ouro	2ª	03	156,7 g	Doadas à Ass. Comercial de SP
Ouro	2ª	04	157,8 g	Doadas à Sta. Casa de Misericórdia
Prata	1ª	01 a 12	1.308,0 g	Vendidas a Particulares
Prata	1ª	13 a 100	Var.de 98,1 g a 118,0 g	Vendidas a Particulares
Prata	2ª	1	154,2 g	Doadas ao Museu Paulista
Prata	2ª	2	161,1 g	Doadas à Cúria Metropolitana
Prata	2ª	3	153,7 g	Doadas à Ass. Comercial de SP
Prata	2ª	4	158,0 g	Doadas à Sta. Casa de Misericórdia

Tanto o pergaminho comemorativo das barras de ouro, que tem a data de “Maio de 1934”, como os pergaminhos especiais dos estojos doados (diplomas), com a data de “12-10-1934”, e ainda os “Certificados-Guia”, que eram diferentes para as Barras de ouro e de prata, são de autoria do artista J.Wasth Rodrigues que já havia criado o Brasão de Armas do Estado de São Paulo.

As Barras de prata e de ouro trazem nas respectivas “Guias” a data de 11 de Outubro de 1934 e são assinadas por dois membros da Comissão – J.M. de Sampaio Vianna e Raul Pacheco e Chaves, enquanto os Diplomas das Barras doadas ainda trazem uma terceira assinatura, a do Sr. Synesio Rangel Pestana, médico da Santa Casa de Misericórdia e têm a data de 12-10-1934.

Bibliografia:

REVISTA NUMISMÁTICA – Vol. IX e XX – Sociedade Numismática Brasileira 1951/1952

RELATÓRIO DA CAMPANHA DO OURO – Santa Casa de Misericórdia –S.Paulo-1940 2 vol.

A REVOLUÇÃO PAULISTA – Menotti Del Picchia – S.Paulo-1932

A EPOPÉIA PAULISTA – Mattos Pimenta

A GUERRA DE SÃO PAULO – Manoel Osório



Encontro Especial de Junho

Muitas ofertas, bons negócios e recorde de público, marcam o Encontro Especial promovido pela SNB nos dias 14, 15 e 16 de junho no hotel Ca D'oro em São Paulo.

Situado num dos pontos mais famosos de São Paulo, num ambiente bastante eclético o Encontro Especial de Junho foi um sucesso de público e negócios.



Flagrante na Sala de comercialização



Vista Geral do Salão do evento

Dispostos em vinte e três bancadas, comerciantes do Brasil e exterior ofereceram peças de alta qualidade a colecionadores vindos de praticamente todos os estados brasileiros.



Exposição das medalhas e moedas alusivas a esportes e dos Jogos Pan-Americanos



Além das ofertas disponibilizadas no Salão de Comercialização, o Encontro promoveu uma exposição de moedas e medalhas alusivas a esporte, em comemoração aos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, do associado Dario S. Antonio Ricciardelli e ainda realizou o lançamento oficial da Barras Comemorativas ao septuagésimo quinto aniversário da Revolução Paulista de 1932.



O Presidente Cláudio M. Angelini
apresenta a medalha do Papa Bento XVI

Registrou-se no evento a doação da medalha comemorativa a visita do Papa Bento XVI ao Brasil, oferecida pela empresa Corpvs do associado Gaudêncio Lucena de Fortaleza-CE



Vista geral

Com esse novo formato de Encontro, a SNB ratifica seu compromisso em promover a cultura e o desenvolvimento da numismática no país e ao mesmo tempo gerar negócios e oportunidades para comerciantes e colecionadores sempre pensando no conforto, segurança e bem estar de todos.

As Colônias Não Europeias do Império Alemão

Cláudio M Angelini



Em 1883 o comerciante Adolf Lüderitz, de Bremen iniciou oficialmente a política colonialista alemã ao estabelecer-se na atual Namíbia. Sob o olhar do então imperador Guilherme II, a aventura e o desejo de expansão do comércio fora da Europa, leva um grupo de alemães a aportarem numa pequena baía na costa sudoeste africana.

Na virada do século, o Império Alemão já contava com colônias na África, Ásia e Oceania, mais precisamente na África Oriental, hoje Tanzânia, Ruanda e Burundi, Togo – atual República do Togo e Kamerun – atual República dos Camarões e Sudoeste Africano, atual Namíbia; Kiao Chao no nordeste da China e na ilha da Nova Guiné e pequenas ilhas no sul do Pacífico.



A área total desses territórios era de 2,5 milhões de km², sendo sua população estimada em 15 milhões de habitantes.

Em pouco tempo, entretanto a experiência provou que esses protetorados traziam mais problemas do que vantagens. Otto von Bismark apoiou os comerciantes alemães oferecendo proteção militar, porém em pouco tempo as rebeliões se multiplicaram, e passaram a consumir não só as finanças, mas prejudicaram a imagem do país no exterior. Durante a Primeira Guerra Mundial, ficou impossível manter a segurança militar dos protetorados e finalmente a Alemanha abriu mão desses territórios, concentrando seus esforços na estabilização política na Europa.

Durante essa aventura fora da Europa, a Alemanha autorizou a emissão de cédulas e moedas próprias para circulação local. As moedas, além de traduzir a o aspecto fiduciário de sua criação, confirmavam o estabelecimento do poder do Império Alemão sobre as regiões conquistadas.

DEUTSCH-OSTAFRIKANISCHE GESELLSCHAFT

África Or. Alemã

Na atual Tanzânia, além da cunhagem de moedas em Berlim e Hamburgo, foi instalada uma Casa da Moeda em Tábor, que emitiu uma série de cédulas nos valores de 1, 5, 10 20, 50 e 100 Rupias e cunhou três séries de moedas no período compreendido entre 1890 a 1916 nos seguintes valores:

Em ouro: 15 Rupias

Em prata: $\frac{1}{4}$, $\frac{1}{2}$, 1 e 2 Rupias

Em cobre: 1 pesa, $\frac{1}{2}$, 1 e 5 Heller

Em níquel: 5 e 10 Heller

Em bronze: 5 e 20 Heller



1 Pesa



1/2 Heller



1 Rupie (2º tipo)



1 Heller



5 Heller



5 Heller



20 Heller



5 Heller



20 Heller



Reverso comum



1/4 Rupie



1/2 Rupie



1 Rupie



2 Rupien

DEUTSCH-KIAUTSCHOU GEBIET Kiao Chao (CHINA)

Para garantir a segurança das empresas instaladas no nordeste da China, mais precisamente na cidade de Tsingtao (Qingdao) o Império Alemão autorizou a construção de uma fortificação na baía de Kiao Chao e da emissão de moeda para uso local. A cunhagem de moedas se deu no ano de 1909 e se restringiu exclusivamente a dois valores em níquel: 5 e 10 Cent.





5 Cent



10 Cent

NEU-GUINEA COMPAGNIE Nova Guiné Alemã (OCEANIA)

Na Oceania, na região noroeste da Nova Guiné a Alemanha anexou uma área que ficou conhecida por Kaiser Wilhelmsland sendo a mais importante das quatro capitais, a cidade de Herbertshöhe. A curta aventura na Oceania se deu no período de 1884 a 1914 e não houve cunhagem local. As moedas que circularam na região foram cunhadas na Casa da Moeda de Berlim com a única data de 1894 com os seguintes valores:



Ouro: 10 e 20 mark

Prata: ½, 1, 2 e 5 mark

Cobre: 1, 2 e 10 pfennig



10 Pfennig



1 Pfennig



2 Pfennig



1/2 Mark



1 Mark



2 Mark



5 Mark

Síntese Sobre a Numismática Gregua e Romana da Pamphylia

Hilton A. M. Lucio

Este artigo tem por objetivo apresentar de forma resumida a numismática da região da Pamphylia, denominação histórica de um conjunto de cidades com grande influência persa e grega (com predomínio final da última), que se transformaria posteriormente em uma província romana da Ásia.

A região historicamente denominada Pamphylia se localiza no à Sul do atual território turco, entre o Planalto da Anatólia e o Mar Mediterrâneo. Tratava-se de um território de pequenas dimensões físicas, com formato de meia Lua. A Figura 1 apresenta o mapa de localização da Pamphylia.



A Pamphylia pode ser descrita como uma região plana, isolada do Planalto da Anatólia pela cadeia de montanhas Taurus e entrecortada por vários rios. A linha de costa atual encontra-se a aproximadamente dois quilômetros de distância dos sítios das antigas cidades portuárias (notadamente Aspendos e Side), em função do acúmulo de sedimentos trazidos por estes rios.

Historicamente, trata-se de uma região com ocupação humana bastante antiga, com sítios arqueológicos datados no Período Paleolítico Superior (50.000 anos de idade).

No século XII a.C., iniciam-se as primeiras migrações do Peloponeso para a Pamphylia, então território sob forte influência persa e a consequente disputa entre estes dois povos pelo território. No século VII a.C., se dá a segunda e definitiva onda de imigração grega para esta região.

A disputa entre persa e gregos continua, e, ao seu final, com a vitória do almirante grego Cimon no século V a.C., tem início um forte

processo de helenização da região, ainda que algumas cidades preservassem fortes laços com a civilização persa.

Durante o predomínio grego na Pamphylia, esta se constitui em um importante centro comercial, com vários portos importantes para o comércio nesta região do Mediterrâneo. No intervalo entre o domínio grego e a posterior conquista romana (século 2 a. C.), a Pamphylia se torna um região bastante instável, reduzida a um centro de pirataria e contrabando de escravos.

A conquista romana restabelece aos poucos uma relativa tranquilidade à região, e a Pamphylia se transforma numa província periférica do Império Romano. A principal vocação econômica da região se reduz a um entreposto romano avançado para o suprimento de tropas nas guerras contra os Sassânidas no leste e como ponto de escoamento da produção agrícola da Anatólia.

Numismática da Pamphylia

Os acontecimentos narrados na introdução deste artigo se desenvolveram ao longo de quase quinze séculos (1500 anos), dos quais em pelo menos sete se cunharam vários tipos de moedas, quase que exclusivamente em prata e bronze (metal exclusivo das últimas emissões).

De maneira geral, podemos dividir as moedas apresentadas neste artigo em dois grupos.

O primeiro, constituído pelas moedas convencionalmente denominadas de “gregas” traz moedas cunhadas em prata e bronze, com legenda sempre em grego e mais raramente nas línguas locais, tais como “pamphlyio” e “sidetiano”. Estas trazem símbolos eminentemente gregos, tanto no reverso como no anverso.

As moedas de prata são nomeadas de acordo com as denominações clássicas (stater, drachma, tetradrachma, etc), sempre com peso constante associado a denominação. A denominação original das moedas de bronze não é conhecida, tendo-se convencionado sua nomenclatura como AE (bronze), seguido do número correspondente ao seu diâmetro em milímetros, não existindo relação com seu peso. Dessa forma, uma moeda grega denominada AE 15 é uma moeda de bronze com 15 mm de diâmetro.

O refinamento da preparação dos discos e da cunhagem dessas moedas gregas, tanto as de prata como de bronze é bastante elevado, sendo notadamente maior nas moedas de metal nobre. Alguns exemplares de cobre, no entanto, também se destacam por sua extrema beleza.

O segundo grupo é o das moedas romanas provinciais (ou gregas imperiais), cunhadas exclusivamente em bronze, sempre com legenda em grego, e não latim, como nas demais emissões romanas. São moedas cunhadas pelas cidades gregas das províncias sob domínio romano (daí a legenda em grego), e por autorização de Roma (daí a representação do imperador).

Estas moedas sempre trazem o imperador (ou algum parente próximo) no reverso e quase sempre um tema, símbolo ou legenda local no anverso. A denominação original dessas moedas também não é conhecida, e sua nomenclatura é igual às das moedas de bronze gregas.

As moedas serão apresentadas neste artigo ordenadas pelas cidades que as emitiram, em ordem cronológica, como forma de facilitação de sua apresentação. Existem estudos mais abrangentes que contextualizam estas emissões com bastante detalhe, mas este aprofundamento não é o objetivo deste artigo.

As cidades que constituíram a Pamphylia, quase sempre um relativo grau de independência entre si, e que cunharam moeda foram: Aspendos, Perge, Side, Syllion, Attaleia e Magidus.

Destas cidades, as emissões mais significativas e de maior duração foram realizadas pelas três primeiras, com destaque para Side. As emissões das três últimas se caracterizam por moedas mais rústicas, de caráter mais local, por vezes com grau de raridade mais elevado.

A seguir, será apresentado um breve histórico de cada cidade, e uma descrição de algumas moedas selecionadas.

Attaleia

Attaleia foi fundada por Atallus II de Pergamon no Século I a.C., se tornando uma cidade romana quando o Reino de Pergamon cai sob domínio Romano. Adriano visita a cidade em 130 d.C., construindo um arco triunfal, do qual não restaram vestígios.

Com a decadência da região, torna-se cidade Bizantina e em 1207 se torna uma cidade Seljuk. Já então com sua denominação moderna (Antalia), fica sob domínio Italiano a partir de 1918, retornando aos Turcos em 1921. Atualmente é a cidade mais próspera da Antiga Pamphylia, sendo uma grande destinação turística para turcos e europeus.

As emissões gregas de Attaleia são relativamente escassas, com predomínio de temas marinhos, como Poseidon, golfinhos, além de Athena e Nike (Figura 2). As emissões romanas são bastante raras, não sendo encontradas facilmente nos comerciantes e leilões especializados.



Figura 2 - Attaleia - Séculos 2 e 3 d.C. - AE15 - 3.21 gramas

Anverso: Busto de Poseidon à Esquerda com Tridente, dentro de Círculo

Reverso: Nike avançando a direita, carregando louros e folha de palmeira. Em volta, ΑΤΤΑΕΛΛΗΝ, tudo dentro de círculo.

Syllion

Syllion é a única das cidades da Pamphylia fora do litoral. Localizada nas montanhas, entre Perge e Aspendus, Syllion dispunha de uma posição geográfica amplamente favorável à defesa.

Muito pouco lembrada na história, com exceção da resistência e hostilidades contra Alexandre o Grande (a cidade não foi conquistada), Syllion é brevemente mencionada por Strabo e por Arriano, descrevendo a reação contra Alexandre.

Esta cidade começa sua cunhagem de moedas no século III a.C., com o nome de Sylviys, que passa para Sillyon durante o domínio Romano

Tanto as emissões gregas como romanas de Syllion são relativamente escassas. Nos últimos anos foram oferecidas apenas moedas romanas em leilões e sites especializados (Figura 3).



Figura 3 - Syllion - 193-211 d.C, AE 36 - 23.16 gramas.

Reverso: Busto Laureado de Septimius Severus a Direita, com Legenda em Grego, em Círculo Perolado

Anverso: Homem em Cavalo a Esquerda, Nome da Cidade na Parte Superior. Círculo Perolado parcialmente Visível

Perge

Segunda as lendas sobre suas origens, Perge teria sido fundada por três argonautas retornando da Guerra de Tróia (Séculos XIII ou XII a.C.). Evidências arqueológicas, no entanto, apontam uma ocupação mais antiga, com indícios de ocupações anteriores a 2000 a.C.

Registros históricos descrevem assentamentos gregos os a partir do século Sétimo A.C. No século 6 a.C., Perge é governada por Lídios e Persas. A cidade é conquistada por Alexandre o Grande em 333 b.C. Após a sua morte, a cidade fica sob domínio Seleucida. Os romanos conquistam a região no século 2 d.C..

Ao longo de sua história, Perge sempre esteve muito ligada a Deusa Artemis (gregos) ou Diana (romanos), divindade da caça e da juventude. Existiu na cidade um famoso templo em honra desta divindade. Essa ligação se reflete fortemente em sua numismática, sendo possível verificar quase todas as representações existentes de Artemis nas moedas de Perge.

As primeiras emissões de Perge datam do século 3 a.C., e se constituem de uma série de tetradrachmas de prata, com representações de Artemis no reverso e anverso. São moedas de extrema beleza plástica e de cunhagem e discos muito refinados.



Figura 4 – Perge - Meados do Século 3 a.C- C. AR tetradrachm (26 mm, 16.72 gramas).

Reverso: Cabeça Laureada de Artemis em Círculo Perolado, com Clava

Anverso: Artemis em Pé, a Esquerda, Segurando Coroa de Louros e Cetro, com Cervo Atrás. Nome da cidade em Grego a Esquerda e de Artemis a Direita

As várias emissões romanas imperiais são cunhadas exclusivamente em bronze, com permanência da presença de Artemis (Diana). Apesar de ser considerada como a melhor dentre todas as cunhagens romanas imperiais da Pamphylia, é notável a queda na qualidade dos discos empregados e da cunhagem.



Figura 5 - Perge - 253-268 d.C.- AE30 - 15.27 gramas.

Anverso: Busto Laureado de Gallienus à Dieita, com Legenda em Grego, em Círculo Perolado

Reverso: Artemis Efesiana no Interior de Templo, com Lua a Esquerda e Sol a Direita, com Legenda em Grego, em Círculo Perolado.

Magydus

Não existem muitas informações disponíveis sobre a história de Magydus. Esta pequena cidade portuária da Pamphylia se localizava

entre Attalia e Perge, local da atual cidade de Laara.

Existe apenas uma emissão (com vários tipos similares), de moedas gregas de Magydus. As emissões mais freqüentes e relativamente comuns são de moedas provinciais romanas, sendo registradas moedas com vários imperadores. São moedas que aparecem com freqüência bem menor do que as das demais cidades da Pamphylia nos leilões e comerciantes especializados



Figura 6 - Magydus - 193-217 a.C.- AE24 – 11,60 gramas.

Anverso: Busto Vestido de Julia Domna a Direita, com Legenda em Grego

Reverso: Afrodite em Pé, a Direita, ajustando seu Cabelo, em Círculo Perolado

Aspendos

Apesar da existência de várias evidências arqueológicas que demonstram indícios de ocupações anteriores (2000 a.C.), e de maneira muito similar a forma como é contada a história de Perge, as lendas gregas sobre a fundação de Aspendos (Século X a.C.) também atribuem este fato aos guerreiros que retornavam da Guerra de Tróia. Nesse caso, existe uma atribuição direta ao Argonauta Mopsos.

Essa lenda é representada nas primeiras moedas cunhadas por Aspendos, no Século V a.C. (Figura 7).

Aspendos se tornaria a cidade mais importante da Pamphylia, devido ao seu porto no Rio Eurymedon. Grande parte da riqueza da cidade se originava do bem sucedido comércio de sal, óleo de oliva e lã.

Em 333 a.C. Aspendos firmou um trato pacífico com Alexandre o Grande para que a cidade não fosse saqueada. No entanto, algumas das condições acordadas não foram cumpridas pela cidade. Alexandre, se sentindo enganado, exigiu um pagamento vultoso para manter as condições inicialmente acordadas.

Aspendos tem uma longa tradição de jogos e de teatro, mantida até os dias atuais. Uma das moedas mais famosas de todas aquelas cunhadas em nome das cidades da Pamphylia é o stater de prata de Aspendos, que traz no anverso uma cena de luta e no reverso uma cena de arremesso de peso/dardo (Figura 8).

Existem inúmeras variantes desta moeda, com diferentes aversos. Algumas dessas variantes regularmente alcançam elevados preços nos leilões especializados.

Por tratar de um tema tão popular entre os colecionadores, esta moeda é uma das mais falsificadas dentre todas as moedas gregas, sendo que a oferta de peças falsas aumenta muito durante os Jogos Olímpicos.

Com a conquista romana, o porto de Aspendos passa a ser fundamental como ponto de escoamento de suprimentos para as legiões romanas combatendo no leste. A qualidade dos discos e o refinamento da cunhagem caem sensivelmente (Figura 9).

Aspendos é hoje um dos mais visitados sítios arqueológicos da atual costa turca. Uma das razões principais é o Teatro Romano, construído por ordem de Marco Aurélio entre 161 e 180 d.C. Após passar por várias restaurações (a última e mais efetiva no início do Século XX), o teatro, com 96 metros de diâmetro e capacidade para 10.000 pessoas, ainda é palco para espetáculos de música e ópera.



Figura 7 – Aspendos – 420-375 a.C. – Drachma – 18 mm - 5,27 gramas.

Anverso: Mopsos Nu, galopando a direita, empunhando lança dentro de círculo perolado

Reverso: Javali correndo a direita, com as letras EST (do “Pamphylion” ESTFEDIUS) no exergo, tudo dentro de Círculo Perolado



Figura 8 – Aspendos – 400-300 a.C. – Stater de Prata 11,00 gramas.

Anverso: Dois Lutadores em Combate com Letras L e Ö ao meio em círculo perolado

Reverso: Arremessador a direita, com nome da cidade a esquerda e triskeles , em quadrado perolado.



Figura 9 – Aspendos – 253-268 d.C. – AE 10 - 18,70 gramas.

Anverso: Legenda em Grego KOPNILIA CALONINA CEB, e busto de Salonina (Esposa de Gallienus) vestido a direita, dentro de Círculo Perolado.

Reverso: Legenda em Grego ACP-E-N-DIWN (da cidade de Aspendus) com estela com inscrição em grego, em Círculo Perolado.

Side

A história de Side é muito similar à história de Aspendos. Apesar de evidências arqueológicas apontarem uma ocupação muito antiga, as lendas sobre a fundação da cidade (Séculos VII e VI a.C.) atribuem este fato aos argonautas retornando da Guerra de Tróia.

Side é historicamente reconhecida como importante centro comercial portuário, havendo durante um intervalo bastante longo, muita pirataria, comércio de escravos e comércio ilegal. Os Romanos conquistam a região no Segundo Século d.C., transformando as atividades ilegais em atividades lícitas.

A Divindade associada a esta cidade durante toda a sua história clássica foi Athena. Desde suas primeiras emissões, até as últimas moedas gregas imperiais, esta divindade esteve representada, em diferentes formas, nas moedas de Side.

Um outro símbolo, a romã, sempre esteve presente nas moedas desta cidade. Segundo alguns autores, a forma fonética Side significaria romã na língua falada na cidade antes da adoção do grego, o “sidétio”.

As emissões clássicas de Side alcançam um patamar de beleza e qualidade de cunhagem sem paralelos com quaisquer outras emissões das cidades da Pamphylia, tanto na prata como no bronze.

Em virtude da beleza de cunhagem, elevado peso em prata, e das atividades econômicas desenvolvidas em Side, as tetradrachmas cunhadas por esta cidade apresentam grande distribuição geográfica, sendo encontradas frequentemente em tesouros até no Oriente Médio. Outro fato que atesta a grande circulação destas moedas é a presença freqüente de peças contramarcadas.



Figura 10 – Side – Séculos II e I a..C. – AR Tetradradhma - 17,16 gramas.

Anverso: Cabeça de Athena a Direita com Capacete Coríntio Ornamentado

Reverso: Nike avançando a Esquerda, carregando Coroa de Louros, com Romã e Monograma de Magestrado a Esquerda.



Figura 11 – Side – Séculos II e I a.C. – AE 18 - 3,48 gramas

Anverso: Cabeça de Athena em Três Quartos Olhando a Esquerda com Capacete Coríntio Muito Ornamentado

Reverso: Athena Caminhando a Direita, empunhando o Trovão e Escudo. Romã no Lado Direito

Apesar do evidente descréscimo na qualidade estética quando comparadas com moedas gregas, as moedas gregas imperiais de Side mantêm um bom nível artístico, especialmente quando comparadas com moedas similares emitidas pelas outras cidades da Pamphylia.

Mesmo com a colocação do imperador romano ou de seus parentes próximos no anverso desta moedas, deve-se destacar a permanência de Athenas nos reversos, representada de diversas formas (Figura 12). A utilização da romã como símbolo da cidade também permanece, sendo abandonada somente nas últimas emissões gregas imperiais (Figura 13).



Figura 12 – Side – 238-244 d.C. – AE 39 (medalhão) 28,04 gramas

Anverso: Busto Vestido e Laureado de Gordiano III à Direita, com Legenda em Grego na Orla, dentro de Círculo Perolado

Reverso: Athena (Side) frente-a-frente com Artemis (Perge), ambas oferecendo sacrifício em altar. Romã na Parte Superior. Na legenda em grego na orla CIDHTWN PERGAIWN, OMONOIA no exergo. Representando a aliança das duas cidades, dentro de Círculo Perolado.



Figura 13 – Side – 253-268 d.C. – AE30 - 14,55 gramas.

Anverso: Legenda em Grego e busto de Salonina (Esposa de Gallienus) vestido à direita, dentro de Círculo Perolado

Reverso: Legenda em Grego na Orla, Athena em Pé, a Esquerda, segurando Nike com Coroa de Louros na mão Direita e Lança e Escudo na Mão Direita, dentro de Círculo Perolado.

Referências

Hill, George Francis (1982- re-edição) A Catalogue of the Greek Coins in the British Musueum

Sear, David R. (1978) Greek Coins and Their Values – Volume II Asia and Africa

Sear, David R. (1982) Greek Imperial Coins and Their Values

SNG - Sylloge Nummorum Graecorum (1994) France 3 Cabinet des Médailles – Pamphylie, Pisidie, Lycaonie, Galatie

Julius Meili

A tradução da Obra “O Meio Circulante no Brasil”

Alfredo O. G. Gallas e Fernanda Disperati Gallas

O HOMEM JULIUS MEILI

Hermann Friederich Julius Meili nasceu em Hinwil-Hettingem no Cantão de Zürich em 1839, pouco se sabendo de sua vida anterior à sua vinda ao Brasil aos 31 anos de idade. Permaneceu no nosso país de 1870 até 1892, desenvolvendo atividades diplomáticas em Salvador, tendo sido, aos 36 anos, nomeado Cônsul da Confederação Helvética, cargo que exerceu por seis anos, entre 1875 e 1881. Voltou para a Suíça aos 53 anos, em 1892, após 22 anos de permanência no país. Faleceu em Zürich em 1907, aos 68 anos, 15 anos após o seu retorno.



Nos anos em que permaneceu no Brasil, Julius Meili formou uma das maiores coleções de moedas, cédulas, medalhas e condecorações brasileiras já reunidas no país. Colecionador apaixonado, detalhista e preciso nas suas pesquisas e afirmações, classificou e identificou as suas peças com rigor científico, construindo um magnífico painel de informações, ainda não superado e fazendo escola para todos os trabalhos numismáticos de autores posteriores.

Amigo de grande número de numismatas no Brasil e em todo o mundo, mantinha contatos e adquiria novas peças para o seu acervo em compras diretas e em leilões nacionais e internacionais, como se pode perceber pelas inúmeras citações na leitura de seus livros. Dentre estes não podemos deixar de destacar um: o jovem Senhor Winston Spencer Churchill, nesta época vivendo em Manchester e que mais tarde se destacaria como um dos maiores líderes mundiais!

Em 1900, já de volta à sua cidade natal, Meili mandou cunhar uma medalha na Casa da Moeda de Paris em comemoração aos 400 anos do Descobrimento do Brasil. A medalha, com 80 g de prata e 57,5 mm de diâmetro apresenta no anverso o busto de Cabral e no

reverso os desenhos dos quatro brasões de armas que marcaram a história do Brasil: o brasão das Cinco Quinas de Portugal, o do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, o do Império do Brasil e o da República.

Escreveu ainda um volume sobre as medalhas do Império “Die auf das Kaiserreich Brasilien besüglichen Medaillen, 1822 bis 1889, (As Medalhas referentes ao Império do Brasil, de 1822 até 1889), escrito no Brasil e impresso em 1890 em Zürich, ainda sem tradução para o português, vinte anos antes da edição do “Catálogo das Medalhas Brasileiras e Estrangeiras referentes ao Brasil” de Amélia Machado Coelho de Castro, a viscondessa de Cavalcanti, editado em 1910 em Paris.

Após o falecimento de Meili em 1907, os seus herdeiros doaram a coleção ao Schweizerisches Landesmuseum de Zürich, o qual embora tenha uma bela e bem estruturada seção numismática, dedica-se apenas aos temas suíços. Possivelmente por este motivo e pelo fato da Suíça na época, 1920, estar em dificuldades econômicas, vendo seus filhos emigrarem para a América, ofereceu esta magnífica coleção ao governo brasileiro pela quantia de 200.000 CHF. Sob a presidência de Epitácio Pessoa, considerado um intelectual nordestino, o governo brasileiro, entretanto, não soube avaliar o valor deste acervo e não se interessou pela oferta.

Em 1931, já durante a ditadura de Getúlio Vargas, houve nova tentativa frustrada de vender a coleção ao Governo do Brasil, sendo poucos anos depois a coleção vendida ao Senhor Pedro Spoery, suíço residente em São Paulo, o qual revendeu parte desta ao Museu Histórico Nacional.

A importância da obra de Meili está na quantidade de informações que reuniu, classificou e transformou em livro, em um mundo onde as comunicações à distância resumiam-se ao correio e as viagens internacionais marítimas eram demoradas e desconfortáveis. Sem telefone ou internet, teve acesso a muitas coleções importantes e manteve contato com colecionadores europeus, americanos e brasileiros.

O NUMISMATA JULIUS MEILI



O livro de Julius Meili, O Meio Circulante no Brasil, composto por dois volumes, foi escrito em alemão e impresso em Zürich, abrangendo os seguintes períodos:

Parte 1 – AS MOEDAS DA COLÔNIA DO BRASIL - 1645 - 1822 impresso em 1897

Parte 2 – AS MOEDAS DO BRASIL INDEPENDENTE - 1822 - 1900 impresso em 1905

A obra como um todo, está dedicada à coleção de moedas do Brasil do autor e aborda todas as formas de meios de pagamento metálicos empregados no país neste período.

Julius Meili baseou-se em alguns autores anteriores, em especial no livro de A. C. Teixeira de Aragão “DESCRIPÇÃO GERAL E HISTORICA DAS MOEDAS CUNHADAS EM NOME DOS REIS, REGENTES E GOVERNADORES DE PORTUGAL”, impresso em Lisboa em três volumes, respectivamente em 1874, 1877 e 1888, abrangendo o meio circulante português e das colônias da Índia e da África Oriental. O quarto volume, referente à África Ocidental e ao Brasil não foi publicado e Meili, convencido da falta de um trabalho dessa natureza no Brasil e aproveitando-se da sua condição de diplomata com acesso facilitado aos arquivos portugueses, somada a possibilidade de, como amigo, chegar aos arquivos do Dr. Aragão, preencheu esta lacuna de forma tão completa, que após um século de seu trabalho ser impresso, pouca coisa nova se escreveu sobre o período abrangido por seus livros.

A qualidade das reproduções das moedas apresentadas nos livros é muito boa e permite distinguir com precisão os detalhes das variantes descritas. Se compararmos estas imagens com as imagens de nossos catálogos atuais, impressos com modernos recursos eletrônicos, estas imagens são de qualidade excepcional, visto terem sido produzidas quando a técnica da fotografia tinha apenas dez ou quinze anos de existência.

Meili é minucioso na identificação da legislação pertinente a

cada emissão, conseguindo aproximar-se de autoridades monetárias da época, como o diretor da Caixa de Amortização e da Casa da Moeda, M. A. Galvão e dos Senhores Azeredo Coutinho e Amaro Cavalcante, todos dedicados estudiosos da numismática na época, dos quais obtém informações para validar suas afirmações ou, por sua vez, confronta estas informações com suas moedas, tendo grande cuidado em não retransmitir erros de outros autores ou gerar informações falsas.

Para ilustrar a sua obra Meili utilizou na maior parte as moedas de sua coleção, completadas com algumas de seus amigos numismatas comerciantes e colecionadores, do Brasil e do exterior, dos quais adquiriu peças importantes e com quem mantinha farta correspondência. Quando foi preciso, Meili recorreu às coleções de amigos, como os Senhores G. F. Ulex de Hamburgo, Jules Fonrobert, Augusto Souza Lobo, Pedro Massena e Calmon Vianna entre outros.

Meili dedica atenção especial às moedas brasileiras de ouro e prata carimbadas nas Índias Ocidentais, sobre as quais faz minucioso relato, destacando a importância dos Johannes ou Joes, como eram chamadas as meias dobras nas Antilhas, no meio circulante destas colônias britânicas. Muitos anos mais tarde, em 1987, este estudo foi ampliado por Ralph C. Gordon em “West Indies Countermarked Gold Coins”.

Logo no início do primeiro volume Meili apresenta, em ordem cronológica, uma relação dos principais eventos relativos ao meio circulante da Colônia do Brasil, de grande interesse para todos os estudiosos da numismática e da História, como também nas tabelas seguintes oferece uma visão geral dos pesos e medidas antigos, empregados em Portugal e no Brasil, comparando-os com o sistema métrico decimal. Em outras tabelas relaciona os pesos e valores faciais das moedas de ouro, prata e cobre, emitidas de 1695 até 1822. Completando estas informações apresenta tabelas do preço do ouro em barras e do câmbio brasileiro sobre Londres. As moedas ainda eram garantidas pelo seu valor intrínseco e o peso do metal era a sua garantia. Somente após 1922 com a descontinuidade do padrão ouro, as moedas adquiriram valores fiduciários.

A parte descritiva e histórica é iniciada com uma listagem dos governantes de Portugal de 1128 até 1889 e faz um retrospecto do sistema monetário português, também válido para o Brasil de 1500 até 1688, analisando os padrões monetários adotados e as características das moedas emitidas.

Iniciando a relação das moedas emitidas no Brasil, Meili descreve as emissões obsidionais holandesas de ouro e prata, apresentando o panorama histórico em que foram emitidas. É interessante observar que Meili aceita como verdadeiras as emissões em prata destas moedas, hoje quase que por unanimidade julgadas falsas. Talvez o responsável por esta opinião de Meili seja o comerciante G. F. Ulex de Hamburgo, que apresentou uma destas moedas, o 30 stüber, no seu leilão e defendia a sua autenticidade.

Na sequência do livro o autor descreve as emissões portuguesas e as casas de moeda brasileiras, apresentando as suas imagens e legendas.

Para finalizar, para cada capítulo, que coincide com um reinado, Meili apresenta a sua coleção com os detalhes de todas as variantes encontradas para cada uma das moedas, falsificações e demais detalhes de interesse colecionístico.

O livro trás também dois catálogos de preços das moedas, um das moedas de ouro carimbadas no exterior e outro das moedas do Brasil independente.

Para finalizar pedimos a tolerância dos leitores em relação a algumas eventuais imperfeições na tradução deste livro, o qual não somente apresenta grandes dificuldades para entender o jargão numismático alemão do século XIX, escrito por um suíço na Bahia, como também algumas páginas em inglês e francês do mesmo período ou até de épocas anteriores. É preciso observar também que Meili escreve o seu livro em dois estilos diferentes, as vezes pausado, pensado e linear e as vezes coloquial, discursivo, como se estivesse apresentando a sua argumentação a algum amigo colecionador, aos tradutores só resta tomar umas e outras também ...



Breve História dos Dollars de Prata da China e do Extremo Oriente

Laerte E. Ottaiano

 Todas as vezes que tratamos da numismática do extremo oriente, esbarramos com a questão da leitura.

Os ideogramas chineses (tal como o japonês e a escrita arábica) desafiam a capacidade dos ocidentais. Felizmente contamos hoje com catálogos modernos, tipo “KM” que nos ajudam a ultrapassar algumas barreiras.

Histórico

Ao entrar no assunto principal deste artigo, faz-se necessário uma pequena retrospectiva na história da numismática chinesa.

Essa história começa por volta do século III a.C., durante a Dinastia Chou. Nessa época já se encontram artefatos que funcionaram de fato, como moedas.

Esses artefatos eram produzidos em bronze fundido, em formas de facas, pás ou chaves; portavam inscrições de três ou mais caracteres (arcaicos) que definiam o valor correspondente ao objeto a ser adquirido, (uma faca, uma pá, ou outro instrumento).

Foi a partir da “chave” que tinha a forma de um disco com um furo quadrado ao meio e uma haste que foi desenvolvida a moeda clássica chinesa que circulou durante séculos, até o fim da última Dinastia Ch’ing (Qing), que se estendeu desde o final do século XIX, até os primeiros anos do século XX.



Essas peças com valor mínimo de 1 cash (Wen) quando somadas, podiam perfazer o preço exato de quaisquer outros objetos de consumo.

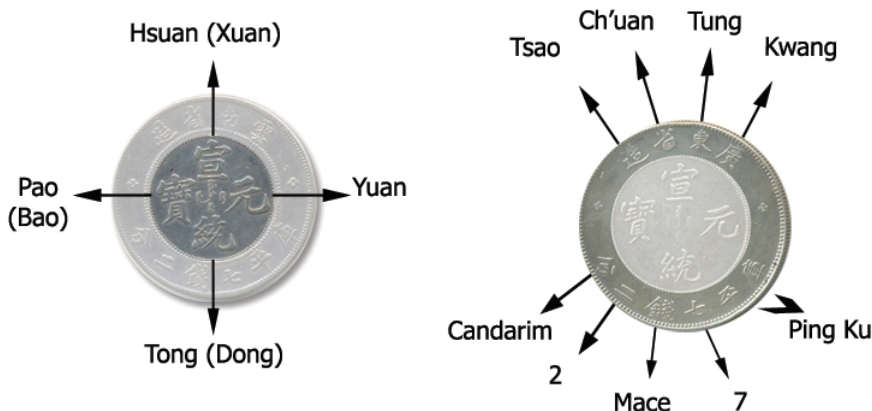
Tardiamente, durante a Dinastia Song (960-1260 d.C.), foram produzidas peças com valores maiores: 5, 10, 50 e até 100 cash, sempre

obedecendo ao mesmo padrão: disco circular com um furo quadrado ao meio e portando no verso, geralmente 4 caracteres, lidos no sentido Norte-Sul-Leste-Oeste. No reverso eventualmente o valor.

Esses caracteres são variáveis conforme a Era (ou período) de uma Dinastia: os caracteres Norte-Sul, dão a leitura desse Reinado ou Era, enquanto que os Leste-Oeste quase sempre lêem-se como “T’Ung-Pao” (DongBao), ou seja: “T’Ung” = circulante “Pao”=valor.

Um exemplo dessa leitura está ilustrado com uma moeda de 1 cash da Dinastia Ch’ing (Quing) do Reinado Kwan Hsu (Guanxu) onde se lê: Kwang Hsu T’Ung Pao.

Portanto esse esquema viria também a aplicar-se nos dollares de prata.



Moedas de Prata – Origens

Antes das moedas convencionais, com forma e teor definido, foram produzidas na China desde o início do séc. XVII, barras de prata utilizadas no comércio com o exterior e grandes transações bancárias. Essas barras apresentavam, na maioria das vezes o peso específico de 5 Tais (o Tael era uma unidade de peso: O Liang).

Conhecemos nos catálogos e no mercado, algumas formas dessas barras: semi-esférica, forma de “Sandália” ou o “Selim” – todas portando caracteres oficiais de teor e peso, mais eventualmente o nome do emissor.

São internacionalmente chamados de “Sycee”. Ilustramos aqui dois tipos; Tipo A e Tipo C



Tipo A



Tipo C

O Aparecimento do Dollar Chinês

Deve-se ao grande incremento das ações comerciais com outros países, que já usavam moedas de prata cunhadas, com pesos e valores específicos, a partir das negociações da China com a British East Índia Company, e a partir de 1610, com a Holandesa “Vereinige Ostindische Compagnie”.

As transações comerciais começaram a ser realizadas com moedas estrangeiras e a China procurou adequar-se aos pesos e valores daquelas moedas, continuando porem, a pagar com barras de prata as mercadorias estrangeiras.

Estavam negociando não só com a Europa, mas também com o Japão, a Koréia, e todo o sudoeste asiático, onde a cultura chinesa havia se arraizado.

Conforme a obra de Eduard Kann, “Illustrated Catalog of Chinese Coins” de 1954, a numismática chinesa foi confusa, tal como foi confusa a política na China do século XIX.

Os números de peças emitidas são pouco confiáveis, pois as províncias não mantinham registros exatos, mas tinham, porém autoridade de emitir a partir do governo central.

As estatísticas no livro de Eduard Kann estão sujeitas a alterações, uma vez que aquelas informações foram colhidas nos anos 50 e pesquisas mais recentes poderão esclarecer melhor os números.

Cerca de 24 (vinte e quatro) Casas da Moeda -“Mints” são oficiais, e as datas de funcionamento conhecidas.

Portanto, cada Casa da Moeda provincial, tinha o direito de cunhar cada uma com sua forma de caligrafia e desenhos variados,

porém obedecendo ao padrão oficial, que era ditado por Peking.

A aparição dos primeiros “Dollares de prata” deu-se em Formosa, nos anos de 1837 e 1853.

Era um disco de prata com um desenho primitivo do Deus da Longevidade no verso e um vaso com flor de Lótus no reverso - revelando duas crenças básicas: Taoísmo e Budismo respectivamente.

As quantidades são desconhecidas, pois foram “copiadas” em grande quantidade durante a segunda metade do século XIX.

Foi somente mais tarde, a partir do início do Reinado Kwang Hsu (Guanxu), 1875-1908 e subsequente Hsun T'Ung (XuangDong) 1909-1912 é que foram oficialmente produzidas moedas cunhadas em maquinaria moderna com padrão dollar e respectivas divisionárias.

O Dollar Chinês equivale a 0,72 do Tael, por isso, apresentam a inscrição de valor em chinês de “7 mace e 2 candarins”.

Os Dollares de prata da China Imperial têm no verso 4 ideogramas principais, que indicam Era/Reinado, uma inscrição na área superior do campo, com identificação da província, e abaixo no reverso, o valor já citado de “7 mace e 2 candarins”.

Obrigatoriamente as moedas destacam no reverso, a figura do Dragão Imperial de cara feroz, corpo com escamas e flamas bem executados, muitas vezes “perseguido” a Pérola Flamejante da sabedoria. Portam também uma série de inscrições em “Manchu” das quais não temos leitura.

Em diversas ocasiões, as moedas passavam por bancos que carimbavam ou marcavam essas moedas; marcas que reconheciam o seu valor e que são chamadas de “Chop Marks”.

Para participar desse comércio pujante, o Japão criou um “Trade Dollar” com teor e peso específico e aplicou nas moedas 1 Yen de prata (já em circulação) um pequeno carimbo com o ideograma “Gin”, dentro de um círculo, para identificar sua destinação para transações com a China e Sudeste Asiático.



Trade Dollar do Japão

Carimbo “GIN”

As ilustrações dos Dolares chineses mais conhecidas, abrangem o período final de Kwang Shu (Guanxu) e todo o período de Hsung T'Ung (Xuangdong) e também, Dolares da 1ª República.



Feng Tien



Szcechuan



Uso Geral



Yunan



Kweichow



Kuang Hsu



Hu-Peh



Kwang Tung



Yunan



Uso Geral

Com a instauração da República os Dollars chineses passaram a ser elaborados com desenhos bem mais convencionais, representando folhagem e valor central de 1 Yuan no anverso e efígies de governantes ou generais, no reverso.



República



República



Uso Provincial



Uso Geral



República - Uso Geral

Pouco antes e durante esse período, circularam na China, vários outros tipos de moedas de prata equivalente ao Dollar: Coroas Inglesas, Yen Japoneses, Piastras da Indochina, Rial Árabes e até um “8 Reales de Zacatecas”- México.

A fim de permitir comparações, estão representadas a ilustrações de 1 Dollar de Kwang Hsu (para esclarecimento da leitura, moedas em prata divisionárias dos dólares com o mesmo padrão de desenho e finalmente algumas das peças tipicamente “Trade” como o japonês “Boeki-Gin”, o Dollar Britânico, a Piastra de Commerce e um “Bullion” da Indochina.



Dollar de Kuang Hsu



Tael da Indochina



Trade Dollar Britânico



Dollar de Straits Settlements



Dollar de Hong Kong



Piastra da Indichina

Para complementar esse estudo, destaca-se também o Dollar cunhado para a província de Sinkiang que, em vista da distância do governo central e por abrigar uma etnia arábico/muçulmano, caracteriza-se pelas inscrições em Chinês e Árabe. A unidade era baseada no Tael e suas respectivas sub-divisões.



Dollar de Sinkiang (Turquestão Chinês) e 2 Shen

Moedas Comemorativas dos Jogos Pan-Americanos - Rio 2007

Hilton A. M. Lucio

 Com o objetivo de comemorar a XV edição dos Jogos Pan-americanos, que se realizarão no Rio de Janeiro, no Período de 13 a 29 de julho de 2007, o Banco Central do Brasil lançou, em 04/04/2007, através do comunicado 15.533, duas moedas comemorativas, uma em prata e outra em cupro-níquel.

As peças serão produzidas pela Casa da Moeda do Brasil conforme as seguintes características:

I - Moeda de prata (Figura 1):

Valor Facial	Material	Diâmetro	Peso	Bordo	Acabamento
5 reais	Prata 925/1000	40 mm	27 g	Serrilhado	Proof

a) Descrição:

Anverso: A logomarca oficial dos XV Jogos Pan-americanos.

Reverso: No centro, composição com dois ícones representativos da cidade do Rio de Janeiro, sede do evento: à esquerda, o Pão de Açúcar; e à direita, as linhas sinuosas da calçada de pedras portuguesas da Praia de Copacabana. Complementando o desenho, as legendas “XV Jogos Pan-americanos”, “5 reais” e “Brasil 2007”.

b) Tiragem inicial: 4 mil moedas;

c) Tiragem máxima: 20 mil moedas;

Esta moeda vem acondicionada em estojo padrão para as moedas comemorativas do Brasil.

II - Moeda de cuproníquel (Figura 2):

Valor Facial	Material	Diâmetro	Peso	Bordo	Acabamento
2 reais	Cuproníquel	30 mm	10,17 g	Serrilhado	Comum

a) Descrição:

Anverso: A logomarca oficial dos XV Jogos Pan-americanos.

Reverso: A imagem de um atleta correndo, tendo ao fundo linhas representativas das raias da pista de atletismo. Complementando o desenho, as legendas “XV Jogos Pan-americanos”, “2 Reais” e “Brasil 2007”.

b) Tiragem inicial: 10 mil moedas;

c) Tiragem máxima: 50 mil moedas;

Deve se ressaltar a praticidade do formato escolhido para a apresentação desta moeda, que vem embutida em um cartão plastificado, muito conveniente para armazenamento em álbuns plásticos.

As moedas serão comercializadas por unidade (prata ou cuproníquel) ou por lote em quantidade igual ou superior a 100 unidades (moeda de cuproníquel) ou a 30 unidades (moeda de prata), nas agências do Banco Central (um relação completa dos locais de venda podem ser obtidos no site do BC).

A venda por lote será efetuada exclusivamente nas dependências do Departamento do Meio Circulante (Mecir) no Rio de Janeiro - Av. Rio Branco, 30 - Centro, ou pelo sítio do Banco do Brasil na Internet.

Imagens eletrônicas das moedas (reproduzidas neste boletim) e informações adicionais podem ser obtidos na internet, nos endereços eletrônicos do Banco Central do Brasil (www.bcb.gov.br - item cédulas e moedas) e do Banco do Brasil (www.bb.com.br - item moedas comemorativas).



Figura1 - Moeda de Prata Comemorativa dos Jogos Pan-americanos de 5 Reais



Figura2 - Moeda de Cupro-níquel Comemorativa dos Jogos Pan-americanos de 2 Reais



Barras de Ouro no Meio Circulante Brasileiro

Claudio Schroeder

Atualização do estudo de Kurt Prober com exemplares autênticos descobertos após 1990¹

Nota biográfica

Claudio Schroeder é graduado em Informática e funcionário da Companhia Estadual de Energia Elétrica do RGS. Pesquisador da numismática, brasileira e parte da sul americana, com maior ênfase à bibliografia e a medalhas militares. Sócio de clubes numismáticos brasileiros, colaborando em suas publicações. Redator do Boletim Rio Grande Numismático da Sociedade Gaúcha de Numismática de Porto Alegre. Participou de alguns encontros de numismática como palestrante.

Resumo

BARRAS DE OURO NO MEIO CIRCULANTE BRASILEIRO. *Atualização do estudo de Kurt Prober com exemplares autênticos descobertos após 1990.* Conforme intercâmbio de informação com Kurt Prober atualizo nessa comunicação o total de barras de ouro conhecidas e autênticas baseado no seu estudo clássico. O total passa de 209 para 218 barras.

Palavras-chave

Numismática; Barra de Ouro; Kurt Prober; Casa da Fundição.

Num período da história brasileira, o meio circulante de algumas localidades da região mineira além de moedas foi composto por barras de ouro. A legislação registra e o objetivo desse proceder era evitar a circulação do ouro em pó e cobrar imposto quando da confecção da barra na casa da fundição da localidade. Após o

¹ Comunicação apresentada no IV Congresso Latino-americano de Numismática, SNB, São Paulo 2006.

processo de fundição, a barra recebia marcas que identificavam o local, o ano, o número de seqüência, o monograma do ensaidor, o título do ouro, o tipo de verificação do título e o peso. Após esse processo, a barra estava apta a circular como moeda com o valor circulatório informado por documento oficial o qual deveria acompanhá-la. Com o passar do tempo, essa “moeda exótica” parou de circular e a maioria dessas barras foram derretidas.

Coube a numismática, como ciência auxiliar da história, fazer o registro dos poucos exemplares que chegaram até nossos dias. Indico o estudo de Kurt Prober, *Ouro em Pó e em Barras Meio Circulante no Brasil 1754-1833 2 vols*, Rio 1990, como a melhor fonte de referência sobre esse assunto.

Conforme intercâmbio de informação com Kurt Prober² atualizo esses informes. O total passa de 209 para 218 barras conhecidas e autênticas.

Da mesma forma, infelizmente, o total de barras falsificadas aumentou. Conforme Prober, existiram ocorrências de fraude dessas barras. Registra esse autor que essas fraudes são classificadas, pela numismática, em *barra falsa* ou em *barra falsificada*. A confecção desses dois tipos de fraude visavam enganar alguém mas são de épocas e objetivos diferentes. A *Barra falsa* foi confeccionada no passado para fraudar o fisco não recolhendo o imposto. A *Barra falsificada* foi confeccionada nos nossos dias com a finalidade de obter lucro na venda a colecionadores de moedas. Ainda com relação a esse tema divulgo detalhes arquitetônicos de uma casa da fundição *clandestina* que produziu *barras falsas*. Localizada no Arraial de Boa Vista de Paraipeva, Comarca de Rio das Velhas, Capitania de Minas Gerais funcionou de 1730 a 1731.

A bibliografia que trata desse tema também apresentou novidades após 1990 conforme segue:

Kurt Prober, *Ouro em Pó e em Barras Meio Circulante no Brasil 1754-1833 2 vols*, Rio 1990.

Claudio Schroeder, *Leituras Numismáticas do ano de 1990- (registro de lançamento do livro de Kurt Prober Ouro em Pó e em Barras Meio Circulante no Brasil 1754-1833.)*

² Esse intercâmbio começou logo após 1990 durando até hoje. Isso mesmo Prober está perto de completar 98 anos agora em março. Está afastado, um pouco, da numismática mas sua lucidez continua, dentro do possível, em forma. Estive com ele, numa visita rápida, em dezembro último.

Com comentários e adendo de algumas informações novas. Porto Alegre, 1991. In Rio Grande Numismático , SGN, pp.13-25.

Alain Costilhes, *Brazilian Gold Bars*. Italian Fato Profugi - Numismatic studies dedicated to Vladimir and Elvira Eliza Clain, Stefanelli, Louvain-la-Neuve, 1996, pp. 97-108.

Sotheby's, *Brazilian Gold Currency Bars*, London 1997.

Carlos Marques da Costa, *Barras de Ouro do Brasil*, Lisboa 1998. In Actas do IV Congresso Nacional de Numismática. Associação Numismática de Portugal, pp. 331-344.

Carlos Marques da Costa, *As Barras de Ouro do Brasil- Sua ordenação em catálogo*, São Paulo 2000. In Atas do Primeiro Congresso luso-brasileiro de Numismática. Etapa São Paulo, Banco Itaú, pp. 17-32.

Hans Kochmann, *Estudo e Classificação das Barras de Ouro Brasileiras*. 3 volumes, n.p., Itaú Numismática- Museu Herculano Pires, São Paulo 2005. (Estudo, ainda inédito, que foi utilizado e citado por Prober. Obtive uma cópia, em 2005, por gentileza do autor e da direção do Museu.)

Alain Costilhes, *Revising brazilian gold bars*. in: Carmen Alfaro, Carmen Marcos y Paloma Otero : XIII

Congreso Internacional de Numismática, Madrid 2003. Actas - Proceedings - Actes, Madrid 2005, 1, pp. 1465-1469. (falecido em São Paulo, 20.11.2003.)

Durante o final do período do Ciclo do Ouro, poucas eram as casas da fundição de ouro ativas. Relaciono a seguir por região as casas da fundição cujas barras autênticas são conhecidas hoje. O primeiro número é o total registrado em 1990. O sinal de “mais” é o número de barras registradas após 1990. O sinal de “menos” significa uma única diminuição devido a nova classificação da casa da fundição.

Província de Goiás

Casa da fundição de **Goiás** 28+2 barras conhecidas período 1790 a 1823

Casa da fundição de **São Félix** 1 guia sem barra período 1790 a 1823

Província de Mato Grosso

Casa da fundição de **Mato Grosso** 20+1 barras conhecidas período 1784 a 1820

Casa da fundição de **Cuiabá** 9 barras conhecidas período 1821 a 1822

Província de Minas Gerais

Casa da fundição de **Rio das Mortes** 7 barras conhecidas período 1796 a 1818

Casa da fundição de **Sabará** (83-1=82)+3 barras conhecidas período 1778 a 1833

Casa da fundição de **Serro Frio** 21 barras conhecidas período 1809 a 1832

Casa da fundição de **Vila Rica** 40+4 barras conhecidas período 1794 a 1818

Casa da fundição de **Ouro Preto (Vila Rica)** 1 barra conhecida período 1828

Os exemplares dessa atualização em resumo:

Barras descobertas: 8

Goiás, 1816, n 13, monograma do ensaiador IJB ou TJSP (?)

Goiás, 1817, n 761, monograma do ensaiador IJB ou TJSP (?)

Mato Grosso, 1813, n 104, monograma do ensaiador IDBF

Sabará, 1809, n 6502, monograma do ensaiador AP (?)

Sabará, 1818, n 1475, monograma do ensaiador JPP (José Pinto Pereira)

Vila Rica, 1794, n 1258, monograma do ensaiador JMOR ou VCR (?)

(esse exemplar passa a ser o mais antigo dessa casa)

Vila Rica, 1816, n 494, monograma do ensaiador ADS (Antônio Delfim da Silva)

(acompanhada de guia datada de 19 de Fevereiro de 1816)

Vila Rica, 1818, n 896, monograma do ensaiador ADS (Antônio Delfim da Silva)

Barras reclassificadas: 2

Sabará, 1810, n 1463, monograma do ensaiador AP (?)

Vila Rica, 1818, n 536, monograma do ensaiador ADS (Antônio Delfim da Silva)

Guia descoberta: 1

São Félix, 1773, n 355, monograma do ensaiador (desconhecido)

Imagem de Guia descrita: 1

Sabará, 1812, n 79, monograma do ensaiador AP (?)

A seguir a descrição detalhada desses *exemplares autênticos* descobertos após 1990.

01 Goiás, 1816, n 13, monograma do ensaiador IJB ou TJSP (?)

Marca da fundição: GOIAS num retângulo ao centro. Escudo oval coroadado na esquerda

Título: 21 quilates 3 grãos e 1 oitava, *por ensaio?*

Reverso: esfera armilar

Peso Indicado: 2 onças 3 oitavas 03 grãos

Referência: Prober 1990 nova ficha 1816-G-13 (244)

Kochmann (2005) ficha 270 por indicação de Prober

Dimensão 72 mm, peso atual 68,00 g

Atualização realizada por Prober em 1994

02 Goiás, 1817, n 761, monograma do ensaiador IJB ou TJSP (?)

Marca da fundição: GOIAS num retângulo ao centro. [Escudo oval (?) parcialmente visível] na esquerda

Título: 20 quilates 2 grãos, *por* TOQUE

Reverso: esfera armilar

Peso Indicado: 1 onça 3 oitavas 06 grãos

Referência: Prober 1990 nova ficha 1817-G-761 (268)

Kochmann (2005) ficha 273 por indicação de Prober

Dimensão 75 mm, peso teórico (42,44) g

Atualização realizada por Prober em 1999, por indicação de A. Costilhes

03 São Félix, 1773, n 355, monograma do ensaiador (desconhecido)

Marca da fundição: desconhecido

Título: 22 quilates 1 grão 5 oitavas, *por ensaio*

Reverso: desconhecido

Peso Indicado: 1 marco 2 onças 0 oitavas 00 grãos

Guia: Tipo 7. Datada de *23 de junho de 1773*. Valor de circulação em réis *Rs 122\$215*

Referência: Prober 1990 nova ficha 1773-SFe-355 (006)

Dimensão ?? mm, peso teórico (286,87) g

Nota: Existe somente a guia datada de 1773 sem a barra. Prober relata a história da Casa de São Félix, mas não indica exemplar conhecido de barra ou guia.

Divulgação realizada por C. Schroeder in Boletim 54, SNB, São Paulo 2004 pp 86-87

04 Mato Grosso, 1813, n 104, monograma do ensaiador IDBF

Marca da fundição: escudo oval coroadado, entre dois ramos, MATO GROSSO acima

Título: 23 quilates 5 oitavas, *por ensaio*

Reverso: esfera armilar

Peso Indicado: 6 marcos 00 onças 3 oitavas 05 grãos

Referência: Prober 1990 nova ficha 1813-M-104 (146)

Kochmann (2005) ficha 236 por indicação de Prober

Dimensão 194 mm, peso atual 1386,5 g

Nota: Atualmente é o 2º exemplar conhecido “mais pesado” de barra de ouro “antiga” do Brasil

Atualização realizada por Prober em 1996

05 Sabará, 1809, n 6502, monograma do ensaiador AP (?)

Marca da fundição: escudo oval coroadado, entre dois ramos, 960 abaixo. *Carimbo de Minas*

Título: 22 quilates 1 grão, *por TOQUE*

Reverso: esfera armilar

Peso Indicado: 1 onça 0 oitavas 44 grãos

Referência: Prober 1990 nova ficha 1809-S-6502 (078)

Kochmann (2005) ficha 30 por indicação de Prober

Dimensão 69 mm, peso atual 31,00 g

Atualização realizada por Prober em 1994

06 Sabará, 1810, n 1463, monograma do ensaiador AP (?)

Marca da fundição: escudo oval coroadado, entre dois ramos, 960 abaixo. *Carimbo de Minas*

Título: 23 quilates, *por TOQUE*

Reverso: esfera armilar

Peso Indicado: 6 oitavas 36 grãos

Referência: Prober 1990 nova ficha 1810-S-1463 (090)

Kochmann (2005) ficha 32 por indicação de Prober

Dimensão 48,2 mm, peso atual 22,37 g

Reclassificação realizada por Prober em 1997, anteriormente registrada com a ficha 517 de Sabará

07 Sabará, 1812, n 79, monograma do ensaiador AP (?)

Marca da fundição: escudo oval coroadado, entre dois ramos, 960 abaixo. *Carimbo de Minas*

Título: 23 quilates e 3 grãos, *por* TOQUE

Reverso: esfera armilar

Peso Indicado: 3 onças 1 oitava 12 grãos

Guia: Tipo 7. Datada de 7 de Janeiro de 1812. Valor de circulação em réis Rs 40\$751

Referência: Prober 1990 atualizar ficha 1812-S-79 (125)

Kochmann (2005) atualizar ficha 43

Dimensão 48,2 mm, peso teórico (90,24) g

Nota: Prober citou a guia, mas sem ver a imagem agora divulgada

Atualização realizada por Prober em 2005

08 Sabará, 1818, n 1475, monograma do ensaiador JPP (José Pinto Pereira)

Marca da fundição: escudo numa esfera armilar coroada, [V.] DO SAB. acima

Título: 22 quilates, *por* TOQUE

Reverso: esfera armilar

Peso Indicado: 5 onças 2 oitavas 24 grãos

Referência: Prober 1990 nova ficha 1818-S-1475 (318)

Kochmann (2005) ficha 115 por indicação de Prober

Dimensão xx mm, peso teórico (151,80) g

Atualização realizada por Prober em 1993, por indicação de C Schroeder

09 Vila Rica, 1794, n 1258, monograma do ensaiador JMOR ou VCR (?)

Marca da fundição: escudo barroco coroado [VILA. RI]CA. abaixo

Título: 22 quilates 3 grãos, *por* TOQUE

Reverso: esfera armilar

Peso Indicado: 3 onças 5 oitavas 64 grãos

Referência: Prober 1990 nova ficha 1794-V-1258 (018)

Dimensão xx mm, peso atual 107,00 g

Atualização realizada por Prober em 1993, por fotografia, necessitando ainda exame mais detalhado.

10 Vila Rica, 1816, n 494, monograma do ensaiador ADS (Antônio Delfim da Silva)

Marca da fundição: escudo oval coroadado, entre dois ramos, [V. R.] abaixo

Título: 22 quilates 3 grãos, *por* TOQUE

Reverso: esfera armilar sobre cruz da Ordem de Cristo

Peso Indicado: 6 oitavas 06 grãos

Guia: Tipo 5. Datada de 19 de Fevereiro de 1816. Valor de circulação em réis Rs 9\$436

Referência: Prober 1990 nova ficha 1816-V-494 (258)

Dimensão 60 mm, peso atual 21,77 g

Nota: Acompanhada de guia datada de 19 de Fevereiro de 1816 com valor de circulação em réis Rs 9\$436

Atualização realizada por C. Schroeder em 2006 (foi comercializada em 2002)

11 Vila Rica, 1818, n 896, monograma do ensaiador ADS (Antônio Delfim da Silva)

Marca da fundição: escudo oval coroadado, entre dois ramos, V. R. abaixo

Título: 23 quilates, *por* TOQUE

Reverso: esfera armilar sobre cruz da Ordem de Cristo

Peso Indicado: 1 onça 3 oitavas 62 grãos

Referência: Prober 1990 nova ficha 1818-V-896 (356)

Kochmann (2005) ficha 170 por indicação de Prober

Dimensão 87 mm, peso atual 42 g

Atualização realizada por Prober em 1994

**12 Vila Rica, 1818, n 536, monograma do ensaiador ADS
(Antônio Delfim da Silva)**

Marca da fundição: escudo numa esfera armilar coroada, [V.] R. aos lados

Título: 22 quilates 3 grãos, *por TOQUE*

Reverso: esfera armilar

Peso Indicado: 7 oitavas 28 grãos

Referência: Prober 1990 nova ficha 1818-V-536 (330)

Kochmann (2005) ficha 164 por indicação de Prober

Dimensão 67,4 mm, peso atual 26,33 g

Reclassificação realizada por Prober em 1997, anteriormente registrada com a ficha 309 de Sabará

Casa da Fundição *CLANDESTINA* – Boa Vista de Paraipeva 1730 a 1731. Comarca de Rio das Velhas, Capitania de Minas Gerais.

Além das casas da fundição oficiais existiram outras clandestinas. A diferença entre elas era que a segunda não pagava imposto ao governo. O ato de fiscalizar e o de fraudar sempre andaram juntos.

Essa é uma entre várias ocorrências e a história trata do caso com citação dos envolvidos, alguns de posição importante da vida social da época. O processo desse “descaminho de ouro”, que é relacionado por vários autores inclusive por Kurt Prober, foi para Lisboa. Até então, só era conhecido, no meio numismático, o texto sem ilustrações. (códice 1571 da Biblioteca Nacional de Lisboa).

Conseguí localizar e faço a divulgação de outra cópia desse processo com uma ilustração. O mesmo está na Biblioteca Nacional de Lisboa, códice 6699. *Treslado da delação que fez Fr.co Borgez de Carv.o de seu socio Ignacio de Souza Ferreira, de ter cazas de fundição, e de cunhar moedaz. – [depois de 1731]. – [11] f., : 1 mapa color. ; 21 cm. – Encadernação de pergaminho.* A ilustração é um mapa, aquarelado e desdobrável, do sítio da Boa Vista de Paraipeva no qual se encontrava a casa da fundição com respectiva legenda. Essa ilustração está disponível no site da Biblioteca Nacional de Lisboa: A ciência do desenho [Documento eletrônico] : a ilustração na coleção de códices da Biblioteca Nacional / Biblioteca Nacional e no

livro de Maria Nogueira Pinto, História das Marcas e Contrastes metais nobres em Portugal 1401-2003, Lisboa: Medialivros S A 2003, página 96 e 97.

Segue ilustração de todo o mapa. No detalhe ampliado, interior de uma casa, as legendas dos números são:

31 carvoeira

32 quartéis

33 forjas

34 bigorna

35 fieiras de roda e de dobras

36 cunhos de dobra

37 mesas de gaveta

38 cadilhas

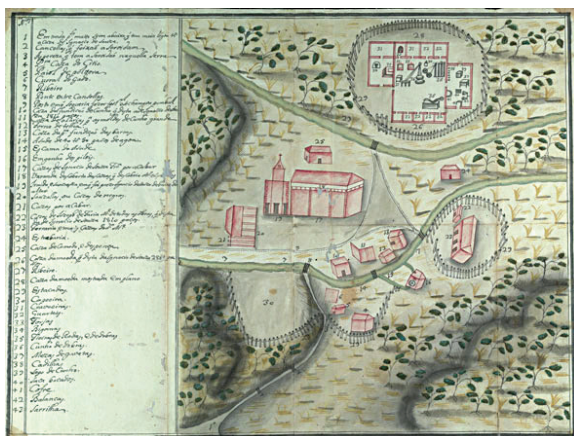
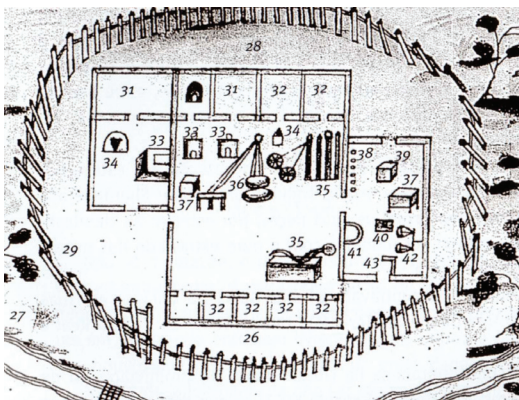
39 cepo do cunho

40 saca bocados

41 cofre

42 balança

43 serrilhas



Coroas de Moisés - Adenda do Boletim 58

Idenyldo Silva

Em nosso último boletim foi esquecido de mencionar os valores da cédulas emitidas no Campo de Concentração de Theresienstadt, que foram impressas em número de 07 valores diferentes, sendo eles de 1, 2, 5 e 10 coroas, impressas em papel sem marca d'água (clichê) e de 20, 50 e 100 coroas, impressas em papel com marca d'água.



Além da divulgação de tão bela peça de seu acervo, é admirável tão precisa ficha catalográfica, feita por Alfredo Solano de Barros, exclusivamente para a coleção de Eruandyr Jacummundar dos Santos, que certamente será aproveitada pelos associados para poderem classificar suas moedas.

[illegible]

Quase que simultaneamente, na penúltima década do século XIX, vieram à luz, duas importantes publicações sobre a mesma temática e que se tornariam marcos históricos. Curiosamente, os autores não se conheciam e provavelmente nunca teriam até então, sequer ouvido falar um do outro.

A primeira foi, em 1889, o “Catálogo das Medalhas Brasileiras e das Estrangeiras Referentes ao Brasil”, de Amélia Machado Coelho de Castro (1852-1946) e que assumiu a autoria com seu título nobiliárquico, Viscondessa de Cavalcanti, pois ainda estávamos no Império. Ela havia apresentado suas coleções de medalhas e pedras preciosas no pavilhão do Brasil, na Exposição Mundial de Paris, (em comemoração ao 1º centenário da Revolução Francesa). Seu marido, o Visconde de Cavalcanti, Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque (1829-1899), membro do Partido Conservador e muito ligado à corte, foi um dos realizadores daquele pavilhão sendo ele próprio, artista e colecionador de arte. Ao mesmo tempo, a Viscondessa publicou o seu Catálogo, no Brasil, abrangendo descrições e notas históricas, sem ilustrações, sobre 115 medalhas. Foi uma edição minúscula, de 25 exemplares, dos quais se conhece o paradeiro de apenas cinco, sendo um pertence à Biblioteca do Museu do Ipiranga.

A outra obra foi de autoria do considerado “Pai da Numismática Nacional”, o suíço Julius Meili (1839-1907). Publicado em língua alemã (1) no ano seguinte, refere-se apenas às medalhas do Brasil Imperial. Meili descreve cada medalha detalhadamente, sem entrar a fundo, porém, na parte histórica. Em compensação, as 240 peças são reproduzidas em magníficas fotografias pelo Estúdio J. Brunner, da cidade suíça de Winterthur.

É evidente que para a elaboração de obras dessa natureza, há um exaustivo trabalho preliminar de pesquisa. Três obras foram consultadas por ambos os autores: o “Fonrobert” (2), que se refere à relação das peças leiloadas de um conceituado colecionador alemão; o português “Lopes Fernandes” (3) e o “Catálogo da Exposição de

História do Brasil” (4) (em que apenas uma parte era relativa a moedas e medalhas).

O catálogo da Viscondessa de Cavalcanti, que abrange um intervalo de tempo muito maior (começa com medalhas holandesas do século XVI), e também pelos estudos históricos, apresenta uma bibliografia bem mais ampla. Desta bibliografia, citaremos apenas as principais obras numismáticas: (5), (6), (7), (8) e (9).

Julius Meili, após uma permanência de 22 anos no Brasil, voltou à sua terra natal em 1892. Dedicou-se então à elaboração de seus catálogos de moedas e papel-moeda brasileiros (10). Havia notícias de que estava se dedicando a uma segunda edição do seu catálogo de medalhas, quando faleceu em 1907.

A Viscondessa esperou 21 anos, mas em 1910, apareceu a 2ª edição da sua obra, desta vez editada em Paris, ilustrada e aumentada para 294 peças, das quais 108 relativas à República (de 1890 até 1909). Kurt Prober atribuiu ao Barão do Rio Branco, participação na autoria das vinhetas históricas desta edição, sem entrar em maiores detalhes (11). A bibliografia básica numismática desta edição refere-se ao catálogo de Meili (1ª edição) e também, além de outras, às obras (12) e (13).

Como se sabe, o destino da coleção particular e do espólio literário de Julius Meili (a parte não publicada) ficou muitos anos sem definição. Há fortes indicações de que o material esteja no Brasil (14). Numa de suas obras, Kurt Prober refere-se a um “Catálogo de Medalhas de Julius Meili, 2ª Edição, 1908, Inédito” (15). Foi uma afirmação surpreendente para a maioria dos colecionadores.

Há algum tempo, tivemos em mãos o rascunho desta segunda edição - um exemplar xerografado, que pertenceu ao falecido colecionador e comerciante Waldomiro Gomes. É constituído só de fotografias de medalhas, mas por ser uma cópia xérox a nitidez está um tanto prejudicada. O escopo é todo o século XIX. Há anotações manuscritas em alemão, com certeza do próprio Meili. Numa das páginas encontrava-se a data, “Dez. 1905”. É muito grande o número de peças reproduzidas: 1.048 (medalhas históricas, religiosas e maçônicas, além de condecorações, insígnias etc., em boa parte não constante de nenhum outro catálogo). É expressiva a parte de medalhas anti-escravagistas (de vários países), refletindo a preocupação vigente na época retratada. Mesmo que Meili não tivesse tempo hábil de ter aprontado os textos, somente o volume

ilustrado mereceria ser publicado. Os originais devem estar em alguma parte do Brasil, nas mãos de um colecionador, ou engavetados em um museu. Seria uma grande perda para a Numismática Nacional, se este assunto caísse no esquecimento.



Pg. 30 do catálogo
inédito de Julius Meili

Bibliografia e Notas

- (1)- ***“Die auf das Kaiserreich Brasilien bezüglichen Medaillen (1822 bis 1889)”*** –Zurique (1890)- Existe um exemplar no Museu do Ipiranga.
- (2) ***“Jules Fonrobert’sche Sammlung überseeischer Münzen und Medaillen, bearbeit von Adolph Weyl”, Amerika III, Abtheilung: Süd-Amerika–Berlim, 1878.***
- (3)- ***“Memória das Medalhas e Condecorações Portuguezas e das Estrangeiras com Relação a Portugal”*** por Manoel Bernardo Lopes Fernandes, Lisboa, 1861.
- (4)- Realizada no Rio de Janeiro a partir de 2 de dezembro de 1881.

(5)- ***“Histoire métallique des XVII Provinces des Pays-Bas, depuis l’abdication de Charles Quint jusqu’à la paix de Bade en MDCCXVI”*** (traduzido do holandês)- Gerard Van Loon, Haia, 1732. Existe um exemplar da obra (em 3 volumes), na biblioteca da SNB. Ver, a respeito, “Gerard Van Loon e a Medalhística do Brasil Holandês”, de Fábio de Souza, no Boletim da SNB nº 54, do 2º semestre de 2004.

(6)- ***“Description des Monnaies, Médailles, concernant l’histoire portugaise du travail”***- A. C. Teixeira de Aragão-Paris, 1867.

(7)- ***“Catalogo da Collecção de Moedas e Medalhas Portuguezas e outras, pertencentes a Eduardo Luiz Ferreira Carmo”***—Pedro A. Dias, Porto, 1877.

(8)- ***“Catalogue du précieux cabinet numismatique formé par le feu Monsieur J. A. Völcker”***- Amsterdam, 1888.

(9)- ***Catálogos da Casa de Leilões Schulman***, Holanda.

(10)- A Associação dos Amigos do Museu de Valores do Banco Central através da Editora do Senado Federal , pretende reeditar todos os catálogos de Julius Meili. Em 2006, veio à luz ***“O Meio Circulante no Brasil-Parte III-A moeda fiduciária no Brasil, de 1771 a 1900”***, 103 anos após o seu lançamento inicial.

(11)- ***“Catálogo das Medalhas da República”***-Kurt Prober-RJ, 1965, p. 7.

(12)- ***“Catálogo da Collecção Numismática”***- Bernardo D’Azevedo Silva Ramos- Roma, 1900.

(13)- ***“Catálogo descriptivo das moedas e medalhas portuguezas que formam parte da collecção do Visconde Sanches de Baena”***- Lisboa-1869.

(14)- V. nota de apresentação da obra (10), por Denir Mendes Miranda.

(15)- ***“Catálogo das medalhas maçônicas brasileiras”***-Kurt Prober- 2ª edição-RJ-1988- p. B-50.